



UNIVERSIDADE D
COIMBRA

Maria Rita Cavaco Marques

**EDUCAÇÃO PARA OS DIREITOS HUMANOS E
CIDADANIA:**

INTERVENÇÃO EM CONTEXTO ESCOLAR E DE
ACOLHIMENTO RESIDENCIAL DE CRIANÇAS E
JOVENS VÍTIMAS DE TRÁFICO DE SERES HUMANOS

Dissertação no âmbito do Mestrado em Ciências da Educação
orientada pela Professora Doutora Maria Rosário Carvalho Nunes
Manteigas Moura Pinheiro à Faculdade de Psicologia e de Ciências
da Educação da Universidade de Coimbra.

Outubro de 2020

Universidade de Coimbra

Maria Rita Cavaco Marques

Educação para os Direitos Humanos e Democracia:
Intervenção em contexto escolar e de acolhimento residencial de
crianças e jovens vítimas de Tráfico de Seres Humanos

Outubro de 2020

Dissertação no âmbito do mestrado em Ciências da Educação orientada pela Profes-
sora Doutora Maria Rosário Carvalho Nunes Manteigas Moura Pinheiro à Faculdade de
Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra

“Education is an important element in the struggle for human rights. It is the means to help our children and our people rediscover their identity and thereby increase their self respect. Education is our passport to the future, for tomorrow belongs only to the people who prepare for it today.”

Malcolm X

Agradecimentos

Não poderia terminar este ciclo sem refletir sobre as âncoras que até aqui me sustentaram. Este foi um percurso exigente, especialmente difícil neste último ano, mas no qual nunca estive sozinha.

Deixo escrito o meu reconhecimento, para que nunca duvidem que vos estou muito grata.

À minha mãe, responsável por muitas das minhas gargalhadas. Ao meu pai, por me ensinar a nunca desistir, mesmo quando essa parece ser a única opção. Ao meu irmão, Tomás, porque sei que estará lá sempre comigo, porque é parte de mim.

À Mariana, à Margarida, à Bia, à Maria Dias, à Maria Carvalho e a tantos outros que aqui não enuncio, obrigada. Pelo amor, pela amizade e pelo companheirismo. São a família que escolhi.

À Dra. Ana Rita Brito, orientadora local, pela enorme confiança, pelo incentivo constante e pela coragem de me trazer para dentro da sua equipa. Nunca esquecerei as oportunidades que me foram dadas.

Aos meninos e meninas do Centro de Acolhimento, que tanto me ensinam todos os dias: foi um privilégio cruzar-me com vocês, lembrar-me-ei sempre de todos.

À Professora Doutora Maria do Rosário Pinheiro, pelo encorajamento para ser mais e melhor. Pelo ânimo que sempre transmitiu, pela ajuda que disponibilizou e pelas transformações que em mim promoveu.

E por fim, aos meus avós, Auzenda e Cavaco. Porque tudo.

Resumo

O presente relatório pretende apresentar o trabalho desenvolvido no âmbito do estágio curricular do Mestrado em Ciências da Educação da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra (FPCE-UC). Este estágio decorreu no ano letivo 2019/2020, na associação Akto-Direitos Humanos e Democracia e, em grande parte, no seu projeto de ação direta na luta contra o Tráfico de Seres Humanos (TSH), o Centro de Acolhimento e Proteção (CAP) de Crianças e Jovens Vítimas de TSH. Neste âmbito, a intervenção foi socioeducativa e pautou-se por um conjunto de atuações de educação para os Direitos Humanos e Cidadania, de promoção da autonomia e do bem-estar pessoal e social e de animação socioeducativa, junto das 8 crianças e jovens residencializadas.

Ao longo deste documento, são apresentadas as atividades realizadas na associação Akto e no seu Centro de Acolhimento, assim como os projetos de investigação e intervenção realizados no âmbito do Gabinete de Apoio ao Estudante (GAE) da FPCE-UC. As temáticas dos Direitos Humanos (DH), assim como o fenómeno do TSH e do acolhimento residencial de crianças e jovens vítimas de TSH, constituíram-se como eixos temáticos de fundamentação da intervenção.

Ainda referente ao contributo dado na associação Akto, este relacionou-se com a Educação para os Direitos Humanos e para a Cidadania, através da planificação e execução de sessões de esclarecimento, oficinas e ações de sensibilização em escolas e outros espaços educativos, abordando temáticas como a Igualdade de Género, o Tráfico de Pessoas, a Saúde Sexual, e outras.

Palavras Chave: Direitos Humanos, Educação, Cidadania, Tráfico de Seres Humanos

Abstract

The aim of this report is to present the work developed during the master degree curricular training in Ciências da Educação of Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação at Universidade de Coimbra (FPCE-UC).

This training occurred during the school year 2019/2020, in the Associação Akto-Direitos Humanos e Democracia and, in great part, in its project of straight action in the fight against Human being traffic (TSH), the Centro de Acolhimento e Proteção (CAP) de Crianças e Jovens Vítimas de TSH.

In this area, the intervention was socioeducational and had its basis on a group of education actions for Social Rights and citizenship, of autonomy and personal well-being promotion and socioeducational animation among eight resided children and youngsters .

Along this document activities performed in the Akto association and in the host center are presented, as well as the investigation projects performed in the area of Gabinete de Apoio ao Estudante (GAE) from the FPCE-UC.

The human rights thematics (DH), as well as the TSH phenomenon and the host residential children and teenagers victims of TSH , constituted thematic axes of intervention reasoning.

To what concerns the contribute given in the Akto association, it was related with the Education for Human Rights and Citizenship, through the planification and execution of explaining sessions, workshops and sensibilization actions at schools and other educational spaces approaching themes such as gender equalities, people traffic, sexual health and others.

Key words: Human Rights, Education, Citizenship, Human Trafficking

Índice

Introdução	12
Capítulo 1- Caracterização da Instituição.....	15
1.1 A associação Akto – Direitos Humanos e Democracia	15
1.2. Centro de Acolhimento e Proteção (CAP).....	17
Capítulo 2 – Enquadramento teórico.....	21
2.1. Direitos Humanos.....	21
2.2. Educar para os Direitos Humanos e para a Cidadania.....	23
2.3. Tráfico de Seres Humanos	24
2.4. Acolhimento e proteção de Crianças e Jovens Vítimas de Tráfico de Seres Humanos	28
Capítulo 3- Atividades de Estágio	32
3.1. Atividades de Estágio na Associação Akto- Direitos Humanos e Democracia	32
3.2. Avaliação das sessões: reações à sessão e comparação de opiniões antes e depois da intervenção.....	48
3.3. Atividades de Estágio no Centro de Acolhimento e Proteção	54
Capítulo 4- Projetos de Investigação e Intervenção	61
4.1. Projeto de Investigação: Cores Universas.....	61
4.2. Projeto de Intervenção: “Oficinas de Férias- Aprender sobre os Direitos Humanos”	63
Reflexões finais.....	77
Referências Bibliográficas	78
Anexos.....	80
Anexo 1: Notícia do jornal JM Madeira (2019).	81
Anexo 2: Fluxograma do Sistema de Referência Nacional.....	82
Anexo 3: Histórias fictícias de vítimas de TSH	83
Anexo 4: Mensagens para <i>workshop</i> sobre TSH.....	86
Anexo 5: Avaliação da satisfação do <i>workshop</i> sobre TSH.....	87
Anexo 6: Certificado de participação na conferência <i>Preconceito contra a diversidade sexual e de género no Brasil: Pesquisas sobre vítimas e agressores</i>	88

Índice das tabelas

Tabela 1- Objetivos da Organização.....	15
Tabela 2- Objetivos do CAP.....	18
Tabela 3- Ação, Meios e Fins do TSH.....	25
Tabela 4- Planificação das ações de sensibilização no Agrupamento de escolas de Colmeias.....	34
Tabela 5- Planificação das ações de sensibilização sobre Igualdade de Género na escola Doutora Maria Alice Gouveia.....	38
Tabela 6- Planificação das ações de sensibilização sobre As Novas Masculinidades na escola Doutora Maria Alice Gouveia.....	40
Tabela 7- Planificação das ações de sensibilização sobre Educação Sexual e Reprodutiva na escola Doutora Maria Alice Gouveia.....	42
Tabela 8 – Análise da reação à sessão.....	49
Tabela 9- Análise das novas aprendizagens.....	50
Tabela 10- Análise do ajustamento da sessão ao nível da compreensão dos alunos.....	50
Tabela 11- Análise das respostas categorizáveis: O que mais gostaste?.....	51
Tabela 12- Análise das respostas categorizáveis: O que menos gostaste?.....	52
Tabela 13: Análise das respostas categorizáveis: sugestões de melhorias.....	53
Tabela 14: Comparação dos resultados antes e depois da sessão.....	53
Tabela 15: Planificação da Oficina: dia 18 de dezembro.....	64
Tabela 16: Planificação da Oficina: dia 19 de dezembro.....	69
Tabela 17: Planificação da Oficina: dia 20 de dezembro.....	71
Tabela 18: Planificação da Oficina: dia 23 de dezembro.....	74
Tabela 19: Avaliação final de satisfação.....	75

Índice das Figuras

Figura 1- Campanha <i>online</i> Há Vidas à Venda.....	17
Figura 2- Monoposte da campanha Há Vidas à Venda.....	17
Figura 3- Protesto Antirracismo.....	32
Figura 4- Feira de voluntariado no Departamento de Ciências da Vida, Universidade de Coimbra.....	33
Figura 5- Ações de sensibilização sobre TSH.....	33
Figura 6- Ações de sensibilização sobre Igualdade de Género.....	36
Figura 7- Ações de sensibilização sobre Novas Masculinidades.....	36
Figura 8- Questionário de satisfação da sessões de esclarecimento.....	37
Figura 9- Questionário para avaliação dos conhecimentos antes e após a intervenção..	44
Figura 10- Ida ao Oceanário de Lisboa.....	54
Figura 11- Campanha “A sua prenda vai fazer sorrir”	55
Figura 12- Distribuição, na noite de Natal, das prendas angariadas.....	56
Figura 13- Atividades na aula de Dinâmicas de Grupo.....	62
Figura 14- Apresentação do CAP na Semana da Saúde da FPCE-UC.....	62

Índice de Anexos

Anexo 1: Notícia do jornal JM Madeira (2019).	81
Anexo 2: Fluxograma do Sistema de Referência Nacional	82
Anexo 3: Histórias fictícias de vítimas de TSH	83
Anexo 4: Mensagens para <i>workshop</i> sobre TSH.....	86
Anexo 5: Avaliação da satisfação do <i>workshop</i> sobre TSH.....	87
Anexo 6: Certificado de participação na conferência <i>Preconceito contra a diversidade sexual e de gênero no Brasil: Pesquisas sobre vítimas e agressores</i>	88

Lista de Acrónimos

ACT- Autoridade para as Condições do Trabalho

CAP- Centro de Acolhimento e Proteção

CIG- Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género

CPCJ – Comissão de Proteção de Crianças e Jovens

DST- Doenças Sexualmente Transmissíveis

DUDH- Declaração Universal dos Direitos Humanos

EME- Equipa Multidisciplinar Especializada

FPCEUC- Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra

GAE – Gabinete de Apoio ao Estudante

GNR- Guarda Nacional Republicana

IG- Igualdade de Género

IPEC- Programa Internacional para a Eliminação do Trabalho Infantil

IPSS- Instituição Particular de Solidariedade Social

LGBTQI+ - Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transsexuais, *Queer* e Intersexuais

OCIS- Observatório da Cidadania e Intervenção Social

ONGD – Organização Não Governamental para o Desenvolvimento

ONU- Organização das Nações Unidas

OPC- Órgãos de Polícia Criminal

OTSH- Observatório para o Tráfico de Seres Humanos

PJ – Polícia Judiciária

PSP – Polícia de Segurança Pública

RAPVT- Rede de Apoio e Proteção às Vítimas de Tráfico

SEF – Serviço de Estrangeiros e Fronteiras

SS- Segurança Social

TSH- Tráfico de Seres Humanos

Introdução

O Tráfico de Pessoas é um fenómeno que parece, muitas vezes, invisível e frequentemente associado à exploração sexual de mulheres. De facto, este é o tipo de exploração que, estatisticamente, é mais relevante. No entanto, o TSH acontece de muitas formas e em toda a parte do mundo. Além disto, é um crime altamente organizado e que gera bilhões de euros por ano. Portugal tem o seu próprio Plano Nacional de Prevenção e Combate ao Tráfico de Seres Humanos, no qual se inclui o Acolhimento e Proteção das Vítimas, incluindo as crianças e os jovens.

A componente de estágio realizada neste âmbito permitiu um contacto próximo e direto com esta realidade. O trabalho aqui descrito diz respeito ao estágio curricular realizado na Organização *Akto – Direitos Humanos e Democracia*, entre dezanove de setembro de 2019 e quinze de março de 2020. Assim, são descritas as atividades realizadas no projeto de acolhimento residencial da Associação Akto, o CAP de Crianças e Jovens Vítimas de TSH, assim como o trabalho desenvolvido no contexto da educação e promoção dos direitos humanos, através de palestras e sessões realizadas em escolas e outros espaços de formação. Insere-se ainda o contributo dado no GAE da FPCE-UC, onde pudemos colaborar numa investigação relativa à Diversidade Sexual e de Género.

O presente relatório encontra-se estruturado em quatro capítulos. O primeiro capítulo, intitulado *Caracterização da Instituição*, subdivide-se em duas partes: *A associação Akto-Direitos Humanos e Democracia*, onde é apresentada a associação, os seus valores e objetivos, assim como a sua missão. É ainda apresentado algum do seu trabalho, através dos seus projetos em diversas áreas e são ainda expostas algumas das suas campanhas de sensibilização. Na segunda parte, *Centro de Acolhimento e Proteção (CAP)*, expomos uma caracterização da casa de acolhimento que a associação gere, para crianças e jovens vítimas de TSH, abordando as suas regras, procedimentos e todo o contexto onde estes jovens se inserem, assim como as atividades que realizam e ainda uma pequena caracterização da equipa técnica do Centro.

O segundo capítulo intitula-se *Enquadramento Teórico* e está também subdividido, em quatro partes. A primeira parte, *Direitos Humanos*, contém uma contextualização relativa aos Direitos Humanos, o que estes são, a sua evolução ao longo da história

e a forma como são vividos no dia-a-dia, não sendo sempre tidos como garantias. Na segunda parte, *Educar para os Direitos Humanos e Cidadania*, refletimos sobre o papel central da educação na defesa e promoção dos direitos, considerando que a educação é a porta para a transformação a todos os níveis e que só esta permite que haja uma garantia no respeito pelos direitos de todos e para todos. Referimos ainda de que forma pusemos em prática esta ação educativa, no nosso estágio, através da planificação e execução de sessões de esclarecimento e ações de sensibilização, em escolas e outros espaços educativos. Na terceira parte deste capítulo, *Tráfico de Seres Humanos*, explicitamos em que consiste o crime de Tráfico, os seus contextos, fases, características, meios e fins. Expomos ainda a sua evolução histórica, e focamo-nos particularmente no Tráfico de menores e nos seus contornos específicos. Apresentamos também alguns dados estatísticos do ano de 2018, relativos a este fenómeno e à sua incidência relativamente ao género, nacionalidade e idade das vítimas, assim como ao tipo de exploração envolvido. Por último, em *Acolhimento e Proteção de Crianças Vítimas de Tráfico de Seres Humanos*, explicitamos o processo de acolhimento de uma criança, desde a sua sinalização até ao momento em que passa a residir na casa. Aqui, referem-se todas as entidades que podem estar envolvidas neste processo de sinalização, acolhimento, proteção e acompanhamento e expõem-se os procedimentos da casa e da equipa técnica, assim como o trabalho em rede, essencial para garantir às crianças e jovens uma resposta para as suas necessidades.

O terceiro capítulo intitula-se *Atividades de Estágio* e está subdividido em três partes. Na primeira parte, *Atividades de Estágio na Associação Akto-Direitos Humanos e Democracia*, evidenciamos o contributo dado no contexto da sede da Organização, através de trabalho administrativo e expomos o trabalho realizado em escolas e outros espaços, através da planificação e execução de sessões de esclarecimento, ações de sensibilização e *workshops*. Estas sessões, com temas como os Direitos Humanos, o TSH, a Igualdade de Género, a diversidade sexual e outros são aqui explicitadas, através da sua planificação à sua avaliação. Na segunda parte deste capítulo, *Análise Estatística: reações à sessão e comparação de opiniões antes e depois da intervenção*, expomos a análise estatística realizada, com recurso ao programa SPSS. Assim, foram analisados 250

questionários que procuram perceber a reação e/ou satisfação dos alunos relativamente à sessão e 88 questionários, emparelhados, que permitiram comparar as opiniões e/ou conhecimentos dos alunos antes e depois da intervenção. Assim, o mesmo questionário foi respondido duas vezes pelos alunos, antes e depois da sessão. Na última parte deste capítulo, *Atividades de Estágio no Centro de Acolhimento e Proteção*, relatamos as funções que nos foram dadas durante o trabalho de estágio, assim como todas as tarefas às quais é preciso responder. Inclui-se ainda outros contributos que foram dados, como a elaboração de uma campanha de Natal, e por fim, uma reflexão sobre o papel dos elementos de uma equipa deste tipo, das suas perspetivas, expectativas, e das dificuldades que resultam da relação com os utentes.

O último capítulo, *Projetos de Investigação e Intervenção*, subdivide-se também em duas partes. Na primeira, *Projeto de Investigação: Cores Universas*, expomos o nosso contributo dado ao Gabinete de Apoio ao Estudante, em específico numa investigação relativa à diversidade sexual, assim como numa exposição comemorativa do Dia Internacional da Memória Trans, a participação na formação *Invest em ti* e ainda a participação em aulas e conferências. A segunda parte deste último capítulo intitula-se *Projeto de Intervenção: Oficinas de Férias – Aprender sobre os Direitos Humanos*. Aqui, damos conta da planificação por nós produzida, para uma oficina de quatro dias, para crianças do 3º e 4º anos do 1º Ciclo, onde os conteúdos se focam nos Direitos Humanos.

Por último apresentamos as *Reflexões Finais*, onde fazemos uma retrospectiva de todo o trabalho realizado ao longo do estágio e da forma como este se desenrolou, os seus resultados e algumas considerações como forma de desfecho do próprio relatório e do ciclo de estudos que tem também aqui o seu fecho.

Capítulo 1- Caracterização da Instituição

1.1 A associação Akto – Direitos Humanos e Democracia

A Associação Akto- Direitos Humanos e Democracia, “é uma associação sem fins lucrativos e uma Organização Não Governamental para o Desenvolvimento (ONGD), fundada em 2015 e com sede em Coimbra”. A palavra Akto, em Esperanto, significa agir e este é o grande intento da organização: atuar na educação e na promoção dos Direitos Humanos e da Democracia, de uma forma direta, inovadora e responsável. O seu trabalho tem-se focado especialmente na área do Tráfico de Seres Humanos (TSH) e na Igualdade de Género (IG).

A sua missão é “aprimorar a Educação, a Promoção e a Intervenção em Direitos Humanos e Democracia como elementos estruturantes de uma mudança positiva para construir um mundo mais justo e equitativo”, através de um conjunto de valores: “Humanidade, Colaboração, Transparência e responsabilidade, ambição e criatividade” e de um conjunto de objetivos, descritos na tabela abaixo.

Tabela 1: *Objetivos da Organização*. Akto -Direitos Humanos e Democracia, 2020 (Disponível em www.akto.org)

- a) “Intervir em apoio ao Desenvolvimento e Ajuda Humanitária e de Emergência;
- b) Promover e divulgar os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável, nomeadamente a promoção da Igualdade de Género e Combate ao Tráfico de Seres Humanos;
- c) Promover os direitos e interesses específicos dos migrantes, mulheres, homens, crianças, jovens, minorias étnicas e outros grupos vulneráveis, estratégicos e em risco;
- d) Contribuir para a promoção de legislação e políticas que garantam o exercício dos Direitos Humanos e Democracia;
- e) Promover, coordenar e executar projetos de investigação e estudos dentro das áreas e linhas de ação definidas;
- f) Promover e dinamizar educação e formação em Direitos Humanos e Democracia;
- g) Fomentar as parcerias, protocolos e intercâmbio de experiências com organizações nacionais e internacionais;
- h) Promover ações culturais.”

A Akto é constituída por uma equipa multidisciplinar e integra neste momento a Rede de Apoio e Proteção a Vítimas de Tráfico (RAPVT), a Rede Regional do Centro de Apoio e Proteção a Vítimas de Tráfico de Seres Humanos, assim como a Plataforma Portuguesa para os Direitos das Mulheres (PPDM). A sua equipa é multidisciplinar e tem realizado, ao longo da sua existência, diferentes projetos, tais como:

- **Programa H e M – Promoção da Cidadania e Igualdade de Género entre os Jovens:** programa educativo desenvolvido pelo Instituto Promundo dirigido a jovens institucionalizados em Lares de Infância e Juventude do distrito de Coimbra e no Centro Educativo dos Olivais, assim como aos técnicos destas instituições. Este programa visa “promover junto dos/as jovens a transformação de atitudes sobre normas rígidas de género, promoção da cidadania e igualdade de género, com vista à promoção de uma cultura de não-violência e de relações de género equitativas” (Akto - Direitos Humanos e Democracia (2020). *Programa H e M*. Disponível em: www.akto.org)
- **Formação de Públicos Estratégicos:** projeto de formação, nas áreas do TSH, IG, Violência Doméstica, Orientação Sexual e Identidade de Género, Mutilação Genital Feminina, entre outros, para profissionais de diferentes áreas que atuem direta e indiretamente nestas problemáticas, nomeadamente no apoio à vítima.
- **Programas Erasmus + [Youth Exchange e Training Courses]:** programas internacionais, realizados em diferentes países, que reúnem jovens de todo o mundo e que abordam a temática dos Direitos, através de campos de trabalho, *workshops*, palestras e outras atividades.
- **Centro de Acolhimento e Proteção a Crianças e Jovens Vítimas de Tráfico de Seres Humanos (CAP):** casa de acolhimento temporário para crianças e jovens vítimas de TSH, sinalizadas em Portugal, com idades entre os 0 e os 21 anos.

Além destes projetos acima referidos, a Akto tem também realizado diversas campanhas de sensibilização, principalmente relativas ao TSH, como é o caso da campanha disponível em www.vidasavenda.pt e presente nas ruas, em vários pontos do país, através de monopostes.



Figura 1: Campanha *online* Há vidas à venda (imagem disponível em [akto.org](https://www.akto.org))



Figura 2: Monoposte da campanha Há vidas à venda (imagem disponível em <https://www.facebook.com/akto.org/>)

1.2. Centro de Acolhimento e Proteção (CAP)

Como referido acima, a Akto gere o único CAP para Crianças e Jovens Vítimas de TSH em Portugal e este é um projeto cofinanciado, no âmbito da Tipologia 3.17- Ação 3.17.3- Combate ao Tráfico de Seres Humanos e Sensibilização e Produção de Materiais de Suporte do Programa Operacional Inclusão Social, Portugal 2020 e União Europeia, através do Fundo Social Europeu. Está em funcionamento desde agosto de 2018.

Este Centro:

“Assegura o acolhimento temporário e o apoio de crianças vítimas de Tráfico de Seres Humanos, em local securizante, proporcionando um ambiente digno e acolhedor” tendo como prioridade promover “um desenvolvimento integral da sua saúde física e mental, e a sua integração social, prestando ainda apoio médico, jurídico, psicossocial e formativo.” (Akto - Direitos Humanos e Democracia. (2020). *Centro de Acolhimento e Proteção para Crianças Vítimas de Tráfico de Seres Humanos*. Disponível em: www.akto.org)

O CAP funciona sob três elementos cruciais: “a confidencialidade quanto à sua localização; o apoio técnico multidisciplinar e especializado; a disponibilização de uma Linha de Apoio 24horas.”

Os objetivos do CAP encontram-se descritos na tabela abaixo.

Tabela 2: Objetivos do CAP. (Akto - Direitos Humanos e Democracia. (2020). *Centro de Acolhimento e Proteção para Crianças Vítimas de Tráfico de Seres Humanos*. Disponível em: www.akto.org)

- “Promover a proteção, a segurança, o bem-estar, a subsistência e a qualidade de vida de crianças vítimas de TSH, através de uma resposta efetiva, especializada e direcionada;
- Assegurar o funcionamento de uma linha de apoio disponível 24 horas e de apoio ao Centro de Acolhimento e Proteção;
- Promover o desenvolvimento pessoal e social da criança e proporcionar-lhe condições de bem-estar e segurança;
- Assegurar o superior interesse da criança;
- Assegurar respostas atempadas às necessidades de apoio médico, estabilidade emocional e psicológicas das crianças e jovens;
- Ajudar as crianças a desenvolverem as suas competências pessoais, sociais, escolares e profissionais através de programas de formação específicos;
- Assegurar os meios necessários ao desenvolvimento pessoal e à formação escolar e profissional em cooperação com a escola, as estruturas de formação profissional e a comunidade;
- Estimular a criatividade e o espírito de interajuda e de iniciativa;
- Definir os respetivos projetos de vida, com vista à inserção familiar e/ou social ou a outro encaminhamento que melhor se adegue à sua situação;
- Promover um planeamento integrado e concertado através dos recursos a parcerias essenciais para realização do projeto;
- Acompanhar a vítima enquanto esta se torna mais autónoma, minimizando o risco de exclusão social.”

Estes objetivos devem ser entendidos por toda a equipa como objetivos de cada um, uma vez que “numa equipa de trabalho é importante que a visão e os objetivos sejam claros para todos os seus membros. Estes devem ter iniciativa e ser encorajados a participar” para que desta forma, “as qualidades de todos sejam postas ao serviço do objetivo comum.” (Grupo de Coordenação do Plano de Auditoria Social [GCPAS] & CID (2005). *Manual de Boas Práticas: um guia para o acolhimento residencial das crianças, jovens e familiares*, p. 143)

A equipa do CAP é uma equipa multidisciplinar e é composta por uma jurista, uma socióloga, um animador socioeducativo, uma psicóloga, uma estagiária de Educação Social (estudante numa faculdade suíça) e uma auxiliar de ação direta.

Os destinatários do Centro são crianças e/ou jovens, com idade até aos 21 anos, sinalizadas como vítimas de TSH, acompanhadas ou não. Desde a sua abertura até ao momento presente, foram já acolhidas quatorze crianças e/ou jovens, com idades compreendidas entre os 6 e os 20 anos de idade. Oito destas crianças e/ou jovens são do sexo feminino e seis do sexo masculino e as suas nacionalidades são várias: angolana, síria, congoleza e portuguesa.

Os tipos de exploração a que estas crianças e/ou jovens estavam a ser sujeitos ou poderiam vir a estar, são também muito diversos e podemos referir o casamento forçado, a servidão doméstica, a exploração sexual e uso destes indivíduos para obtenção de apoios sociais.

Apesar de estas crianças estarem institucionalizadas, o seu dia-a-dia difere da maioria das crianças que estão acolhidas residencialmente. Uma vez que o número de crianças na casa é muito limitado, também a própria casa e a sua dinâmica se assemelha a uma casa familiar, no sentido em que cada utente apenas partilha o seu quarto com, no máximo, mais dois utentes, tem direito a um conjunto de roupa só sua, as tarefas domésticas são partilhadas entre todos, as escalas de banhos (e outras) podem ser ajustadas às suas vontades e outros tantos aspetos que conferem a estas crianças e jovens uma maior proximidade com um estilo de vida familiar.

Ainda no que diz respeito ao funcionamento do próprio Centro, este inclui atividades planificadas (de desporto, lazer, cultura, etc.), através de protocolos e ofertas exteriores, assim como atividades dentro da própria casa (como jogos, sessões de cinema, tertúlias) e ainda espaço para tempo livre, onde os utentes podem usufruir das diferentes ofertas na casa (jogos virtuais e de tabuleiro, livros, materiais de pintura, televisão, computadores, bolas, etc.). Estas atividades são consideradas tendo em conta os gostos e interesses do grupo e de cada um dos seus elementos, mas também daquilo que a equipa considera oportuno e como elemento de transformação e desenvolvimento para os seus utentes.

Capítulo 2 – Enquadramento teórico

2.1. Direitos Humanos

Os Direitos Humanos são a base que suporta a dignidade humana. Além disso, são “universais, indivisíveis, inter-relacionados e interdependentes” (*Nações Unidas [NU], 2020*). Num mundo que se desenvolve a cada segundo, existem ainda realidades onde os Direitos não são óbvios nem tidos como garantias. O caminho a fazer neste sentido é ainda longo e muitas vezes, penoso.

Quando um indivíduo é privado, de alguma forma, de usufruir de algum/alguns do(s) seu(s) direito(s), a sua dignidade não é plena. A responsabilidade de garantir que todos os Direitos e liberdades sejam respeitados, é de todos nós. Enquanto indivíduos, todos somos todos portadores do direito a ter direitos. Assim, a defesa do cumprimento pelo respeito aos Direitos Humanos, começa em cada um, consigo mesmo. Como mulheres e homens de uma sociedade que se deve reger pela máxima justiça, todos temos o dever de defender os nossos próprios direitos, manifestando-nos quando assim for necessário e fazendo o possível (e da forma mais adequada), para que seja reposta a liberdade que sentimos como violada. Assim, o respeito para com os Direitos Humanos não é uma atitude a ter só com o outro, mas sim uma atitude que deve começar conosco mesmos, mantendo uma postura atenta ao que nos rodeia e àquilo que nos acontece.

Simultaneamente, esta é também a conduta que devemos ter com o outro. Como cidadãos, devemos comprometer-nos a defender os outros como a nós mesmos. Existindo alguém, mesmo que seja uma única pessoa, a quem foi retirada a possibilidade de viver em plenitude com os seus Direitos e Deveres, é sinal de que a sociedade não é ainda capaz de respeitar todos, de igual forma, não causando prejuízo a nenhum. Esta é, aliás, a mensagem do Artigo 1º da Declaração Universal dos Direitos Humanos: “Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e em direitos. Dotados de razão e de consciência, devem agir uns para com os outros em espírito de fraternidade” (*Declaração Universal dos Direitos Humanos, 1948*). E sabemos que estamos muito longe de atingir este nível de excelência. Todos os dias, a toda a hora, mulheres e homens,

meninas e meninos são violados nos seus direitos. E isto acontece de todas as formas. Embora possamos considerar que existem formas de violação dos direitos mais graves do que outras, não podemos dizer que umas têm mais relevância que outras. O combate às desigualdades deve sempre fazer-se a par com o rigor, a justiça, a equidade e a honestidade.

Numa atitude reformadora e que viria a mudar a forma como o sistema olha para cada um dos seus membros e para si mesmo, a Organização das Nações Unidas (ONU) em 1948, proclamou a Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH). Esta Declaração surge no contexto de guerra e pós-guerra (da 2ª Guerra Mundial) e muito influenciada por acontecimentos como o Holocausto e o lançamento de bombas atómicas sobre as cidades de Hiroshima e Nagasaki, a 6 e 9 de agosto de 1945. Assim, num comité liderado por Eleanor Roosevelt, entre 1946 e 1948, foi redigida a DUDH, aprovada e assinada a 10 de dezembro de 1948, em Paris. Até hoje, “foi traduzida em mais de 500 idiomas – o documento mais traduzido do mundo – e inspirou as constituições de muitos Estados e democracias recentes” (NU, 2020)

Este foi o primeiro passo para um caminho que ainda se traça, e cujo objetivo se pode traduzir em paz, respeito, solidariedade e justiça. A partir deste momento, “uma série de tratados internacionais de direitos humanos e outros instrumentos adotados desde 1945 expandiram o corpo do direito internacional dos direitos humanos.” São exemplos disto, a “*Convenção para a Prevenção e a Repressão do Crime de Genocídio* (1948), a *Convenção Internacional sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Racial* (1965)”, assim como “a *Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres* (1979), a *Convenção sobre os Direitos da Criança* (1989) e a *Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência* (2006)”, e muitas outras. (NU, 2020).

A DUDH contém 30 artigos que se referem a diferentes questões relacionadas com os Direitos de todos, como o direito à vida, a liberdade religiosa e de expressão, o direito ao emprego e à propriedade e tantos outros, assim como a condenação de atos como a tortura ou a escravidão. Todos eles procuram garantir a dignidade do ser humano.

2.2. Educar para os Direitos Humanos e para a Cidadania

Garantir o respeito pelos Direitos de todas e todos não é um processo que se desenvolva apenas juridicamente, mas que acontece através do seu entendimento e da sua *praxis*. Como nos diz o secretário-geral do Conselho da Europa, Jagland Thorbjørn, “os Direitos Humanos não podem ser implementados exclusivamente através de processos legais. Os Direitos Humanos são verdadeiramente respeitados, protegidos e reconhecidos quando os compreendemos, nos erguemos na sua defesa e quando os aplicamos nas nossas ações.” E esta compreensão acontece quando somos educados e educadores para os Direitos Humanos, isto é, “aprender sobre, através e para os Direitos Humanos” e “é essencial para a prevenção das violações dos Direitos Humanos e para tornar a Democracia um sistema sustentável.” O Conselho da Europa destaca a importância da Educação para os Direitos Humanos e para a Cidadania, através da sua Carta sobre a Educação Democrática e a Educação para os Direitos Humanos, ratificada em 2010, que “insta os Estados-Membros a fomentarem oportunidades de acesso à Educação para a Cidadania Democrática e à Educação para os Direitos Humanos a todas as pessoas no seu território, através da educação, incluindo a educação-não-formal.” Apesar de ser um documento de referência para qualquer educador, “a Carta reconhece também o papel insubstituível das organizações não-governamentais e das associações juvenis neste processo” e por isso a Akto pode ter um papel tão importante neste sentido. (Jagland, T. (2016) *Compass: Manual de Educação para os Direitos Humanos com jovens*).

Desta forma, enquanto profissionais de educação, o nosso contributo na Akto passou também por pôr em prática este papel. Através da solicitação de alguns professores e professoras, realizámos em algumas escolas sessões de esclarecimento sobre os Direitos Humanos, o Tráfico de Pessoas, a IG, as Masculinidades Tóxicas e a Educação e a Saúde Sexual e Reprodutiva. Estas sessões decorreram no âmbito da disciplina de Cidadania. Este é um dos mais importantes contributos da Akto (e nosso, enquanto educadores), assim como das professoras e professores que solicitaram a nossa presença,

pois “compete à escola, local por excelência de sistematização dos conhecimentos produzidos pela humanidade, implementar e desenvolver uma pedagogia participativa e democrática” e esta deve ser “fundada na dialogicidade e na historicidade do ser humano, que inclua conteúdos, procedimentos, valores, atitudes e comportamentos orientados para a compreensão, promoção e defesa dos direitos humanos, bem como para a sua reparação em caso de violação.” (Dias, A., s/d). *A escola como espaço de socialização da cultura em Direitos Humanos*, p. 2). Estas sessões foram realizadas sobre a perspetiva de uma educação que ensine a pensar, a ter um espírito crítico e uma atitude cívica, informada e responsável.

Nestas sessões, procurámos levantar a discussão sobre os Direitos, debater diferentes perspetivas, desconstruir mitos e opiniões baseadas em questões não factuais, assim como levar novos conceitos e promover novas aprendizagens. Embora estas sessões ocorressem na escola e num ambiente de educação formal, foram planeadas e implementadas com uma postura de livre participação por parte dos alunos, de forma descontrainda, mas responsável. Mais à frente, no capítulo 3, encontraremos a planificação destas mesmas sessões.

2.3. Tráfico de Seres Humanos

O TSH foi pela primeira vez definido no *Protocolo relativo à Prevenção, Repressão e Punição do Tráfico de Seres Humanos, especialmente de Mulheres e Crianças* (comumente conhecido como Protocolo de Palermo) em 2000. Desta forma, o TSH deve entender-se como o: “recrutamento, transporte, transferência, guarida ou acolhimento de pessoas, incluindo a troca ou a transferência do controlo sobre elas exercido”, que pode acontecer “através do recurso a ameaças ou à força ou a outras formas de coação, rapto, fraude, ardil, abuso de autoridade ou de uma posição de vulnerabilidade” e ainda “da oferta ou obtenção de pagamentos ou benefícios a fim de conseguir o consentimento de uma pessoa que tenha controlo sobre outra para efeitos de exploração”. Assim, deve entender-se “por posição de vulnerabilidade (...) uma situação em que a pessoa não tem outra alternativa, real ou aceitável, que não seja submeter-se ao abuso em causa.” Desta forma, “a exploração inclui, no mínimo, a exploração da prostituição de outrem ou outras formas de exploração sexual, o trabalho ou serviços forçados”, não esquecendo “a

mendicidade, a escravatura ou práticas equiparáveis à escravatura, a servidão, a exploração de atividades criminosas, bem como a remoção de órgãos.” (Projeto Euro TraffGUID & RAPVT (2014), *Sistema de referência nacional de vítimas de tráfico de seres humanos*, p. 10). Relativamente ao consentimento da vítima, este “é irrelevante se tiver sido utilizado qualquer um dos meios indicados” acima.

O TSH é assente em três elementos: ação, meios e fim. A tabela abaixo exemplifica cada um destes elementos.

Tabela 3: *Ação, meios e fins do TSH*. (Observatório para o Tráfico de Seres Humanos (2020). Disponível em www.otsh.mai.gov.pt)

Ação	Meios	Fins
<ul style="list-style-type: none"> - Recrutamento - Transporte - Transferência - Guarida - Acolhimento 	<ul style="list-style-type: none"> - Ameaças - Força - Outras formas de coação - Rapto - Fraude - Ardil - Abuso de Autoridade ou posição de vulnerabilidade - Oferta ou obtenção de pagamentos ou benefícios 	<ul style="list-style-type: none"> - Exploração da prostituição de outrem ou outras formas de exploração sexual - Trabalho ou serviços forçados, incluindo mendicidade - Escravatura ou práticas equiparáveis à escravatura - Servidão - Exploração de atividades criminosas - Remoção de órgãos

No caso do Tráfico de crianças (isto é, indivíduos menores de 18 anos), “o recrutamento, o transporte, a transferência, o alojamento ou o acolhimento de uma criança (...) para fins de exploração deverão ser considerados como tráfico de seres humanos” ainda que “não envolvam nenhum dos meios referidos no Artigo 4º(a)” da Convenção do Conselho da Europa” (Projeto Euro TraffGUID & RAPVT (2014), p. 11).

O Programa Internacional para a Eliminação do Trabalho Infantil (IPEC) define, no contexto do tráfico de crianças, a exploração como:

- “Todas as formas de escravatura ou práticas análogas, tais como a venda e o tráfico de crianças, a servidão por dívidas e a servidão.
- O trabalho forçado ou obrigatório, incluindo o recrutamento forçado ou obrigatório de crianças.
- A utilização em conflitos armados (C182, Artigo 3º (a)).
- A utilização, o recrutamento ou a oferta de uma criança para fins de prostituição.
- A utilização, o recrutamento ou a oferta de uma criança para a produção de material pornográfico ou de espetáculos pornográficos (C182, Artigo 3º (b)).
- A utilização, o recrutamento ou a oferta de uma criança para atividades ilícitas, nomeadamente para a produção e o tráfico de estupefacientes, tal como são definidos pelas convenções internacionais pertinentes (C182, Artigo 3º (c)).
- Os trabalhos que, pela sua natureza ou pelas condições em que são exercidos, são suscetíveis de prejudicar a saúde, a segurança ou a moralidade da criança (C182, Artigo 3º (d) e C138, Artigo 3º).
- O trabalho realizado por crianças abaixo da idade mínima de admissão a emprego (C138, Artigos 2º e 7º).” (Projeto Euro TrafGuID & RAPVT (2014), p.11)

O Tráfico de Crianças e Jovens é um crime violentíssimo e “é claramente uma violação dos seus direitos, conforme definido na Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos da Criança.” Neste fenómeno tão complexo, “são especificamente violados os seus direitos de ir à escola ou receber alguma forma de educação, de ficar com a sua família, de serem protegidas da violência sexual e outras formas de violência”, e ainda “de ter tempo para brincar e de serem protegidas da exploração” (Projeto Euro TrafGuID & RAPVT (2014), p. 16).

Embora já exista, em Portugal, um Sistema de Referência de Vítimas de TSH, está neste momento a ser construído o Sistema de Referência de Crianças e Jovens Vítimas de TSH, com o contributo da Akto na sua elaboração. Este é o documento “que

estabelece um conjunto de orientações para a sinalização, identificação e integração de vítimas de TSH em Portugal” (Projeto Euro TrafGuID & RAPVT (2014).

Segundo o Relatório Anual de 2018 do Observatório para o Tráfico de Seres Humanos – OTSH (entidade pertencente ao Ministério da Administração Interna), este “re-acionou 203 sinalizações. Comparando com 2017 é observado um acréscimo global, com variação positiva de 16% no total, de 12% em Portugal” e 40% no Estrangeiro”. Destas 203 sinalizações, “foram confirmadas 49 vítimas. As restantes sinalizações encontram-se classificadas como: Pendente/Em Investigação, Não Confirmado, Sinalizado por ONG/Outras entidades e Não Considerado por ONG/Outras Entidades” (Relatório Anual Estatístico [RAE], (2018), p.14).

Relativamente ao sexo, “foram registadas 92 (presumíveis) vítimas do sexo masculino e 49 do sexo feminino.” No que concerne à nacionalidade das vítimas, “as duas nacionalidades estatisticamente mais representativas no sexo masculino são a Moldava (35) e a Portuguesa (33), sendo estes dois grupos maioritariamente constituídos por (presumíveis) vítimas adultas.” Ainda relativamente ao sexo “dos 13 menores sinalizados do sexo masculino, 9 são nacionais angolanos. A representatividade desta nacionalidade neste grupo etário é igualmente expressiva no sexo feminino- das 16 menores, 5 são nacionais de Angola” (RAE, (2018), p. 16).

No que diz respeito ao tipo de exploração, as “ (presumíveis) vítimas de tráfico para fins de exploração laboral são maioritariamente do sexo masculino e adultas”; as “(presumíveis) vítimas de tráfico para fins de exploração sexual são maioritariamente do sexo feminino e adultas” e por fim, as “ (presumíveis) vítimas de tráfico classificadas como “Outro/Indefinido” são principalmente, e independentemente do sexo, menores de idade” (RAE (2018), p. 17).

Cabe ainda dizer que “nos registos sobre menores encontra-se uma regularidade com 2017, relativamente à tipologia de Portugal: a maioria dos menores foi sinalizado em Trânsito, seguida de Destino.” Como país de trânsito, entenda-se que o objetivo não seria praticar a exploração em Portugal, mas sim deslocar-se para Portugal, para a partir daí, se deslocar para o país de Destino onde se daria a prática da exploração (RAE (2018),

p. 39). No Anexo 1, podemos ler uma notícia de jornal de uma situação de TSH, em Portugal e no qual são referidas duas das crianças acolhidas no Centro que aqui referimos.

2.4. Acolhimento e proteção de Crianças e Jovens Vítimas de Tráfico de Seres Humanos

O acolhimento de crianças e/ou jovens vítimas de TSH é um processo complexo e que exige o trabalho de várias equipas em simultâneo e em rede. Em Portugal existem dois CAP para mulheres (que podem acolher mulheres acompanhadas com filhos menores), dois para homens e um único para crianças e/ou jovens, gerido pela associação Akto. Além disto, “é ainda de referir a criação, em 2013, da Rede de Apoio e Proteção às Vítimas de TSH (RAPTV).” Estando “sob a coordenação da Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género (CIG), esta Rede tem como objetivo central a cooperação e a partilha de informação entre as entidades aderentes com vista à prevenção, proteção e reintegração das vítimas” (Observatório para o Tráfico de Seres Humanos [OTSH], 2020).

As crianças acolhidas no CAP podem ser sinalizadas por Órgãos de Polícia Criminal (OPC) – Polícia de Segurança Pública (PSP), Guarda Nacional Republicana (GNR), Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF) ou Polícia Judiciária (PJ); por uma ONG ou Instituição Pública de Solidariedade Social (IPSS) e ainda por Autoridades Inspetivas (como por exemplo a Autoridade para as Condições do Trabalho – ACT). Esta sinalização pode partir de uma suspeita de qualquer membro da sociedade civil que informe as entidades acima referidas.

No caso dos menores, a maior parte das sinalizações é feita pelo SEF, uma vez que, no controlo de fronteiras (aéreas, marítimas ou terrestres), detetam crianças indocumentadas, com documentos falsos ou acompanhadas por adultos que não são seus familiares e estes elementos podem muitas vezes levar a uma suspeita de Tráfico e à sua sinalização. No Anexo 2, através do fluxograma exposto, é possível conhecer todos os possíveis rumos a partir de uma sinalização.

Uma vez sinalizada, a criança e/ou jovem é transportada para o CAP e é iniciado o seu processo de acolhimento. Importa referir que o trabalho do CAP conta com o auxílio das Equipas Multidisciplinares Especializadas (EME), que se desdobram em equipas regionais e que têm como função dar apoio técnico às vítimas e ao CAP. O acolhimento

no Centro é um acolhimento temporário, no entanto, consequência da morosidade dos processos em Tribunal, os acolhimentos podem demorar um ano e meio ou mais.

Estando já a criança acolhida, inicia-se uma fase de apresentação da criança à equipa técnica, aos restantes utentes e à própria casa e às suas regras. Uma vez que a segurança destas crianças está colocada em causa, as regras do Centro são rígidas: as saídas têm de ser acompanhadas por um membro da equipa, assim como as comunicações via telefone (se existirem essas comunicações), a não divulgação da localização da casa, a confidencialidade dos seus dados em espaços como a escola (tentando manter ao máximo um ambiente escolar saudável e de normalidade, para o utente), a máxima descrição em saídas ou presenças em lugares de lazer e muitas outras medidas registadas no Regulamento Interno do CAP, que promovem a proteção e segurança dos utentes e da equipa técnica. Durante a estadia da criança na casa decorre o seu processo no Tribunal de Família e Menores, e aguarda-se o resultado do mesmo. Nem sempre se comprova o crime de Tráfico, muitas vezes por falta de prova ou considerando-se frequentemente que existiu um crime de Auxílio à Emigração Ilegal. Assim “no Protocolo Adicional contra o Tráfico Ilícito de Migrantes por Via Terrestre, Marítima e Aérea, de 15 de Novembro de 2000, Artigo 3 (a)”, por “introdução clandestina de migrantes” entende-se o facilitar da entrada ilegal de uma pessoa num Estado Parte do qual a pessoa não é nacional ou residente permanente”; com o propósito “de obter, direta ou indiretamente um benefício financeiro ou outro benefício material” (Projeto Euro TrafGuID & RAPVT (2014), p. 12).

Relativamente à equipa, esta deve ser uma equipa coesa e “os comportamentos dos profissionais devem pautar-se pelo bom senso, experiência, sabedoria e técnica”, e ainda “por políticas e procedimentos escritos que se designam por boas práticas. Estas pretendem apoiá-lo na prossecução do objetivo de desenvolver nas crianças e jovens comportamentos refletidos, ajustados e assertivos, no quadro de uma cidadania responsável e madura” (GCPAS & CID (2005). *Manual de Boas Práticas: um guia para o acolhimento residencial das crianças, jovens e familiares*, p. 139). A comunicação intra-equipa

é um dos pontos fulcrais no seu bom desempenho e no caso do CAP, ela faz-se das seguintes maneiras: reuniões de equipa quinzenais, contacto via *e-mail* e *Whatsapp*¹ diariamente e partilha do Diário de Bordo ²do dia, por *e-mail*, para que todos possam estar atualizados quanto aos acontecimentos da casa. A equipa tem ainda o dever de criar condições para que estas crianças e/ou jovens cresçam nas suas competências, conhecimentos, aptidões e autoestima, isto é, criar nos utentes a vontade de ser mais, pois “quem presta cuidados deve ajudar as crianças ou os jovens a acreditar que vale a pena estabelecer novas metas, e que serão capaz de atingi-las” (GCPAS & CID (2005) *Manual de Boas Práticas: um guia para o acolhimento residencial das crianças, jovens e familiares*, p.146).

Mesmo estando inseridas num processo complexo e de grande sigilo, as crianças do Centro são matriculadas na escola e podem até frequentar atividades extracurriculares, como o desporto ou as artes, se assim for possível a nível logístico. Desta forma, a relação entre a escola e o CAP deve ser de diálogo, de cooperação e de abertura, para que, além de não se colocar em causa a segurança dos utentes, se criem condições para que estes tenham um desempenho académico favorável, através de medidas adequadas e oportunas para todos os envolvidos. A escola torna-se, especialmente para estas crianças, um espaço de difícil integração, mas traz-lhes também uma oportunidade de socialização e de aprendizagem que possivelmente, até àquele momento era pobre ou pouco adequado. A frequência na escola e “as interações sociais que se desenvolvem neste espaço formativo” auxiliam “as crianças e adolescentes a compreenderem-se a si mesmo e aos seus outros sociais, enquanto sujeitos sociais e históricos, produtores de cultura e, assim, oportuniza a construção da base inicial para a vivência efetiva de sua cidadania” (Dias, A., (s/d). *A escola como espaço de socialização da cultura em Direitos Humanos*, p. 2).

Outro espaço com o qual o CAP tem a necessidade de manter uma relação próxima e de coadjuvação, são os Hospitais e Centros de Saúde ou de Diagnóstico. Uma vez que os utentes do CAP são, na sua maioria, nacionais de países pouco desenvolvidos e

¹ Whatsapp – Aplicação digital de comunicação via texto, vídeo e/ou áudio.

² Diário de Bordo – Documento escrito pelo técnico ou monitor de serviço, no qual são relatados todos os acontecimentos que decorreram na casa, no seu turno de trabalho.

com fraca oferta de espaços de saúde pública de qualidade, é comum necessitarem de intervenção médica a diferentes níveis. Assim, é importante que o diálogo entre os serviços de saúde (e de forma direta, os médicos, enfermeiros e outros agentes envolvidos) e a equipa técnica do CAP, seja um diálogo próximo, de interajuda, de compreensão e de respeito pelas especificidades dos utentes e do próprio Centro. Só desta forma será possível responder às necessidades das crianças e/ou jovens, não causando transtorno a nenhum dos elementos envolvidos.

Capítulo 3- Atividades de Estágio

O estágio na *Akto-Direitos Humanos e Democracia* não foi realizado exclusivamente na Akto, isto é, na sua sede, mas também num dos seus projetos em particular, no CAP. O presente capítulo dá conta da descrição do trabalho realizado ao longo do estágio, tanto na sede da Organização, como no CAP.

3.1. Atividades de Estágio na Associação Akto- Direitos Humanos e Democracia

Na sede da Akto, o nosso contributo foi variado. Realizámos trabalho administrativo, como atender telefonemas, responder a *e-mails*, receber clientes (para a loja social que existe na própria sede, com roupa em segunda mão), assim como receber outras pessoas ou entidades para reuniões. Organizámos ainda documentos e *dossiers* da Organização e participámos em diferentes reuniões (com a Rede Regional do Centro de Apoio e Proteção a Vítimas de Tráfico de Seres Humanos, a Comissão de Proteção de Crianças e Jovens (CPCJ), a CIG, à qual a Akto pertence ao seu Conselho Consultivo, o SEF e outras. Representámos também a Akto em eventos como feiras de voluntariado, onde pudemos dar a conhecer o trabalho da Organização e ainda em palestras, encontros e protestos para os quais a Organização era convidada ou nos quais tinha interesse em estar presente.



Figura 3: *Protesto Antirracismo: Coimbra. (fotografia própria)*



Figura 4: Feira de Voluntariado no Departamento de Ciências da Vida, Universidade de Coimbra. (fotografia própria)



Figura 5: Ações de sensibilização sobre TSH. (fotografia própria)

Ainda no contexto do nosso trabalho na sede da associação Atto e focando-nos agora na Educação para os Direitos Humanos, durante o nosso estágio, realizámos ações de sensibilização e sessões de esclarecimento em escolas e faculdades. Estas foram solicitadas pelas/pelos professoras/professores das escolas em questão que, no contexto da disciplina de Educação para a Cidadania, ou por interesse próprio do/da professor(a) nos solicitaram a realização de algumas sessões. Estas sessões são realizadas pela Organização de forma gratuita, sendo apenas são cobradas as despesas de alimentação e deslocação.

Assim, no dia 10 de dezembro de 2019 realizámos a primeira ação de sensibilização. Acompanhámos o colega José Miguel Pires ao Agrupamento de Escolas de Colmeias, em Leiria, onde realizamos ações de sensibilização sobre TSH, para turmas de 6º e 9º ano, de forma a celebrar o Dia Internacional dos Direitos Humanos. Foram realizadas várias sessões no mesmo dia, no entanto, não realizámos a avaliação das mesmas, uma vez que não tivemos um papel muito ativo no planeamento das sessões, tendo apenas a função de auxiliar o colega José Miguel. Os conteúdos e as atividades foram os mesmos para o 6º e 9º anos, no entanto, o tempo dispensado para cada conteúdo e atividade foi diferente, uma vez que o 6º ano dispunha de 45 minutos e o 9º ano dispunha de 1 hora e meia para as ações.

Além de dar a conhecer o trabalho da Akto, o principal objetivo destas sessões foi definir o conceito de Tráfico, assim como as suas componentes, fases e contextos, através da exposição e de uma atividade de leitura de histórias (Anexo 3). Desta forma, foi possível criar uma atitude de alerta para a questão do Tráfico, tanto nos alunos que assistem à sessão, como nos vários professores que manifestaram vontade de estar presentes. A planificação destas sessões encontra-se abaixo.

Tabela 4: *Planificação das ações de sensibilização no Agrupamento de escolas de Colmeias*

Temas	Conteúdos	Atividades	Recursos	Objetivos
Apresentação da Akto (5 minutos)	<ul style="list-style-type: none"> - Surgimento da Akto; - Trabalho e projetos da Akto. 	<ul style="list-style-type: none"> - Exposição; - Visionamento de fotos. 	<ul style="list-style-type: none"> - Computador; - Projetor; - Internet. 	<ul style="list-style-type: none"> - Conhecer o trabalho e a missão da Akto.
Direitos Humanos (15 minutos)	<ul style="list-style-type: none"> - Direitos Humanos: o que são DH? Quais são? Exemplos de DH que são violados, no nosso contexto ou em outros; - Dia Internacional dos Direitos Humanos: porque surgiu? 	<ul style="list-style-type: none"> - <i>Brainstorming</i>. 	<ul style="list-style-type: none"> - Computador; - Projetor; - Internet; - Quadro de giz/caneta. 	<ul style="list-style-type: none"> - Identificar diferentes Direitos Humanos; - Refletir sobre a razão do surgimento da Declaração Universal dos Direitos do Homem; - Debater sobre os DH na sociedade atual e nos diferentes contextos.
Tráfico de Seres Humanos em Portugal e no mundo (20 minutos – 6º ano 40 minutos - 9º ano)	<ul style="list-style-type: none"> - O que é o Tráfico? - Como acontece; a quem acontece; características do TSH; fases e formas do TSH; consequências para a vítima; etc. - Tráfico e Emigração Ilegal: quais as diferenças? - Centro de Acolhimento e Proteção: alguns dados 	<ul style="list-style-type: none"> - <i>Brainstorming</i>; - Exposição de conceitos e apresentação de dados. - Em pequenos grupos, os alunos leem um relato fictício, escrito na primeira pessoa, de uma possível vítima de Tráfico. Depois, segundo as 	<ul style="list-style-type: none"> - Computador; - Projetor; - Internet; - Quadro de giz/caneta - Histórias para ler em grupo. 	<ul style="list-style-type: none"> - Definir o TSH; - Identificar as fases do TSH; - Analisar alguns dados relativamente ao Tráfico de Crianças em Portugal; - Conhecer o trabalho no CAP; - Distinguir os contextos de Tráfico de outros contextos

		características da história, o grupo decide se é, ou não, um caso de Tráfico e apresenta a sua resposta aos restantes grupos, justificando-a (algumas das histórias serão de Emigração Ilegal). Aqui, deverá partir-se para uma discussão mais profunda sobre as características de uma situação de Tráfico e ainda identificar os diferentes Direitos que foram violados, nas diferentes narrativas.		de Emigração ou exploração; - Identificar diferentes Direitos Humanos; - Debater as diferentes respostas.
Questões (5 minutos- 6º ano 10 minutos- 9º ano)	- Tempo livre para levantamento de possíveis questões.		- Computador; - Projetor; -Internet.	- Clarificar questões que possam estar a causar dúvida.

Ao longo do mês de janeiro de 2020, realizamos algumas sessões na Escola Doutora Maria Alice Gouveia, em Coimbra, para o 5º, 6º e 8º anos. Para os dois primeiros, o tema foi a *Igualdade de Género* (Tabela 3), e para o 8º ano, o mote foram *As Novas Masculinidades*, tema esta diretamente ligado à IG (Tabela 4). Assim, a equipa foi constituída por nós, enquanto profissional de Ciências da Educação, pela coordenadora do CAP, Ana Rita Brito e por um colega da Akto, Rafael Teixeira. A primeira sessão foi dinamizada pelos dois últimos colegas, no entanto, por impossibilidade destes, algumas das sessões foram dinamizadas apenas por nós, onde fomos solicitados para realizar outras sessões, com outras/outros professoras/professores e novas temáticas.

Nestas sessões foi feita um questionário de satisfação (Figura 8) e no total foram recolhidas 250 avaliações. Nem todas as turmas realizaram avaliação de satisfação, devido ao facto de terem surgido alguns contratemplos, tais como: o equívoco, por parte da escola, em calendarizar as nossas sessões na mesma data e horário de sessões sobre o *Bullying* (dinamizadas pela PSP) e conseqüentemente a diminuição do tempo da sessão para metade, assim como o prolongamento do tempo da sessão, com perguntas e dúvidas por parte dos alunos, que impediu de salvaguardar tempo para realizar a avaliação.



Figura 6: Ação de sensibilização sobre Igualdade de Género, 6º ano. (fotografia própria)



Figura 7: Ação de sensibilização sobre As Novas Masculinidades, 8º ano. (fotografia própria)

Figura 8: *Questionário de Satisfação das Sessões de Esclarecimento*

	Discordo totalmente	Discordo parcialmente	Não concordo nem discordo	Concordo parcialmente	Concordo totalmente
Esta sessão abordou temas que considero interessantes.					
Aprendi coisas novas ao longo da sessão.					
Consegui entender tudo aquilo que foi dito na sessão.					
Foi possível esclarecer todas as minhas dúvidas.					
Gostei da forma como os assuntos foram tratados.					
De forma, geral, gostei desta sessão.					

Idade:

Turma:

O que gostaste mais ao longo da sessão?

O que gostaste menos ao longo da sessão?

Sugestões de melhorias:

As sessões realizadas com o 5º e 6º ano, sobre IG, tiveram como uma das principais intenções distinguir gênero de sexo biológico, por entendermos que este é o ponto de partida essencial para se falar de gênero e todos os estereótipos associados a este. Para isto, realizámos atividades que fizessem os alunos refletir sobre as suas perspectivas e pensamentos sobre a mulher e o homem, de uma forma geral. Outro dos grandes propósitos, era, obviamente, conhecer as diferentes formas de desigualdade, para poder criar nos alunos uma postura crítica, informada e consciente que provoque mudança nos mesmos. Estas mudanças querem-se ao nível pessoal e social, na escola, em família e na sociedade de uma forma geral. Era também nosso objetivo garantir que todos os alunos se sentissem representados nos conteúdos ali expostos, criando um ambiente de confiança e representatividade, de forma acessível.

Tabela 5: *Planificação das ações de sensibilização sobre Igualdade de Género na escola*
Doutora Maria Alice Gouveia

Temas	Conteúdos	Atividades	Recursos	Objetivos
Apresentação da Akto (5 minutos)	- Surgimento da Akto - Trabalho e projetos da Akto	- Exposição - Visionamento de fotos.	- Computador; -Projektor; -Internet.	- Conhecer o trabalho e a missão da Akto.
Direitos Humanos (15 minutos)	- Direitos Humanos: o que são DH? Quais são? Exemplos de DH que são violados, no nosso contexto ou em outros.	<i>-Brainstorming</i>	- Computador; - Projektor; -Internet; - Quadro de giz/caneta.	- Identificar diferentes Direitos Humanos; - Conhecer a razão do surgimento da Declaração Universal dos Direitos do Homem; - Debater sobre os DH na sociedade atual e nos diferentes contextos.

<p>Igualdade de Género (65 minutos)</p>	<ul style="list-style-type: none"> - O que é o Género? - Homem e Mulher: o que é ser homem ou mulher? Que características são atribuídas a um e a outro? - Qual a diferença entre género e sexo? - Orientação sexual e expressão de género: diferenças, características e estereótipos. - Homofobia e Transfobia. - Desigualdade de Género: o que é? - Formas de desigualdade de género - Formas de combater a desigualdade: o que já foi feito e o que falta ainda fazer. 	<ul style="list-style-type: none"> - <i>Brainstorming</i> sobre género e igualdade de género. - Construção de duas listas: uma com o título “Homem” e outra com o título “Mulher”. Os alunos deverão completar a lista com características físicas, psicológicas, sociais e emocionais que atribuem ao homem e à mulher (características, hábitos, profissões, tarefas, roupas, etc.). Depois da lista feita, serão apagadas as características físicas e trocar-se-ão os títulos, ficando o título “Homem” na lista que antes era de “Mulher” e vice-versa. Deverá explorar-se a questão dos atributos não-físicos ao homem/mulher. - Construção de um “cookie”: boneco, feito em cartolina, com ilustração do sexo, género, orientação sexual e expressão de género. Os alunos deverão legendar estes elementos, de forma a poder distinguir os mesmos conforme as suas características. - Exposição de conceitos e alguns dados relativos à igualdade de género. 	<ul style="list-style-type: none"> - Computador; - Projetor; - Internet; - Quadro de giz/caneta; - “Cookie” feito em cartolina e respetivas legendas. 	<ul style="list-style-type: none"> - Distinguir e definir género e sexo; - Identificar características do homem e da mulher, ao nível físico, psicológico e social. - Definir e distinguir orientação sexual e expressão de género; - Identificar os conceitos de homofobia e transfobia; - Definir igualdade/desigualdade de género; - Identificar diferentes formas de desigualdade de género; - Conhecer a forma como a desigualdade de género se foi alterando ao longo do tempo: políticas públicas e mudanças sociais. - Estabelecer formas de combater a desigualdade de género, no contexto pessoal, familiar, escolar, nacional e mundial.
--	--	---	--	---

				- Aplicar os conhecimentos adquiridos na sessão, através de uma postura informada, consciente e respeitadora no quotidiano.
Questões (10 minutos)	- Tempo livre para levantamento de possíveis questões.		- Computador; - Projetor; -Internet	- Clarificar questões que possam estar a causar dúvida.

As sessões realizadas para o 8º ano, com o tema As Novas Masculinidades, tiveram uma planificação muito idêntica às sessões do 5º e 6º ano, uma vez que, para falar de masculinidade, se deve partir da discussão sobre o género e a igualdade de género. No entanto, estas sessões focaram-se mais na forma como os rapazes e os homens são influenciados a comportar-se, a sentir-se e a expressar-se. Estas foram sessões onde fizemos questão de estar sempre presente o meu colega Rafael Teixeira, pelo facto de uma presença masculina poder incentivar mais os rapazes a estarem mais recetivos a estas temáticas que lhes dizem respeito diretamente.

Tabela 6: *Planificação das ações de sensibilização sobre As Novas Masculinidades na escola Doutora Maria Alice Gouveia*

Temas	Conteúdos	Atividades	Recursos	Objetivos
Apresentação da Akto (5 minutos)	- Surgimento da Akto; - Trabalho e projetos da Akto.	- Exposição; - Visionamento de fotos.	- Computador; - Projetor; -Internet.	- Conhecer o trabalho e a missão da Akto.

<p>Direitos Humanos (5 minutos)</p>	<p>- Direitos Humanos: o que são DH? Quais são? Exemplos de DH que são violados, no nosso contexto ou em outros.</p>	<p>-<i>Brainstorming.</i></p>	<p>- Computador; - Projetor; - Internet; - Quadro de giz/caneta.</p>	<p>- Identificar diferentes Direitos Humanos.</p>
<p>Novas Masculinidades (70 minutos)</p>	<p>- O que é o Género? - Homem e Mulher: o que é ser homem ou mulher? Que características são atribuídas a um e a outro? - Qual a diferença entre género e sexo? - Orientação sexual e expressão de género: diferenças, características e estereótipos; - Homofobia e Transfobia. - O homem, na sociedade e para si mesmo: perspectivas e pressões sentidas pelos homens e pelos rapazes; - A forma como o homem é educado pela família e pela sociedade; - Agir como um homem: o que é? - Consequências da educação dos homens na forma como estes se perspetivam;</p>	<p>-<i>Brainstorming</i> sobre género e igualdade de género; - Construção de duas listas: uma com o título “Homem” e outra com o título “Mulher”. Os alunos deverão completar a lista com características físicas, psicológicas, sociais e emocionais que atribuem ao homem e à mulher (características, hábitos, profissões, tarefas, roupas, etc.). Depois da lista feita, serão apagadas as características físicas e trocar-se-ão os títulos, ficando o título “Homem” na lista que antes era de “Mulher” e vice-versa. Deverá explorar-se a questão dos atributos não-físicos ao homem/mulher. - Realização da atividade “Age como um homem”: atividade</p>	<p>- Computador; - Projetor; - Internet; - Quadro de giz/caneta.</p>	<p>- Distinguir e definir género e sexo; - Identificar características do homem e da mulher, ao nível físico, psicológico e social. - Compreender as características do homem e da mulher como construções psicológicas e sociais e não exclusivamente biológicas; - Definir e distinguir orientação sexual e expressão de género; - Conhecer os conceitos de homofobia e transfobia; - Caracterizar a forma como o homem é visto pela sociedade; - Identificar possíveis sentimentos do homem relativos à forma como a sociedade o vê; - Identificar atitudes “típicas” do homem; - Definir igualdade/desigualdade de género; - Identificar diferentes formas de desigualdade de género;</p>

	<ul style="list-style-type: none"> - Novas Masculinidades: as mudanças do/no homem nos últimos 20 anos.; -Desigualdade de Género: o que é? - Formas de desigualdade de género para o homem; - Formas de combater a desigualdade: o que já foi feito e o que falta ainda fazer. 	<p>na qual os participantes devem dar exemplos do que é agir como um homem, vantagens e desvantagens de agir desta forma, assim como vantagens e desvantagens de não agir desta forma. Deve partir para uma reflexão global daquilo que é “agir como homem”;</p> <ul style="list-style-type: none"> - Exposição de conceitos e alguns dados relativos à igualdade de género. 		<ul style="list-style-type: none"> - Conhecer a forma como a desigualdade de género se foi alterando ao longo do tempo: políticas públicas e mudanças sociais. - Estabelecer formas de combater a desigualdade de género, no contexto pessoal, familiar, escolar, nacional e mundial. - Praticar uma atitude consciente e informada no que diz respeito à IG.
Questões (10 minutos)	- Tempo livre para levantamento de possíveis questões.		- Computador; - Projetor; -Internet.	- Clarificar questões que possam estar a causar dúvida.

Ainda na Escola Doutora Maria Alice Gouveia, realizámos sessões de esclarecimento sobre Educação Sexual e Reprodutiva. Estas sessões foram direcionadas para o 9º ano e aconteceram nos meses de fevereiro e março. Aqui, foram incluídos temas como a orientação sexual, as doenças sexualmente transmissíveis, os métodos contraceptivos e o consentimento na relação sexual.

Tabela 7: *Planificação das ações de sensibilização de Educação Sexual e Reprodutiva na escola Doutora Maria Alice Gouveia*


Temas	Conteúdos	Atividades	Recursos	Objetivos
Apresentação da Akto (5 minutos)	<ul style="list-style-type: none"> - Surgimento da Akto - Trabalho e projetos da Akto 	<ul style="list-style-type: none"> - Exposição; - Visionamento de fotos. 	<ul style="list-style-type: none"> - Computador; - Projetor; -Internet. 	<ul style="list-style-type: none"> - Conhecer o trabalho e a missão da Akto.
Sexualidade (30 minutos)	-O que é a sexualidade?	- <i>Brainstorming</i> ;	<ul style="list-style-type: none"> - Computador; - Projetor; -Internet; 	<ul style="list-style-type: none"> - Definir sexualidade;

	<ul style="list-style-type: none"> - Qual a diferença entre sexo e género? - Será que todos vivemos a sexualidade da mesma forma? - O que é a orientação sexual, a identidade de género e a expressão de género? - O que é a homofobia, a transfobia, a bifobia, e outras formas de discriminação? - O que são Doenças Sexualmente Transmissíveis? - Como me posso proteger das DST's? - Consentimento: não é não! 	<ul style="list-style-type: none"> - Explicação e exposição de alguns conceitos; - Construção de um "cookie": boneco, feito em cartolina, com ilustração do sexo, género, orientação sexual e expressão de género. Os alunos deverão legendar estes elementos, de forma a poder distinguir os mesmos conforme as suas características. - Visionamento de um ou mais vídeos; - Explicação do conceito de consentimento. 	<ul style="list-style-type: none"> - "Cookie" feito em cartolina e respetivas legendas. 	<ul style="list-style-type: none"> - Distinguir género de sexo biológico; - Compreender a sexualidade como um conjunto de fatores e/ou componentes; - Definir e distinguir os conceitos de orientação sexual, identidade de género e expressão de género; - Identificar os fenómenos de homofobia, bifobia e outras formas de discriminação; - Identificar exemplos de diferentes DST's; - Conhecer as diferentes formas de proteção de DST's, gravidez, infeções, etc. - Conhecer o conceito de consentimento.
Questões (5 minutos)	<ul style="list-style-type: none"> - Tempo livre para levantamento de possíveis questões. 	-	<ul style="list-style-type: none"> - Computador; - Projetor; - Internet. 	<ul style="list-style-type: none"> - Clarificar questões que possam estar a causar dúvida.

Nestas sessões foi realizada uma avaliação de satisfação, com o questionário já acima referido (Figura 8). Foi ainda feita uma avaliação de conhecimentos, antes e depois da sessão, de forma a comparar o efeito da intervenção nas perspetivas e conhecimentos dos alunos (Figura 9). Assim, foi distribuído um questionário de resposta curta, antes da intervenção e no final da intervenção foi distribuído um questionário igual, para nova resposta. A identificação de cada aluno foi feita através de um código

escolhido pelo mesmo, de forma a manter o anonimato e a permitir o emparelhamento das respostas. Mais abaixo, no subcapítulo 3.2, expomos os resultados da análise à resposta destes questionários.

Figura 9: *Questionário para avaliação de conhecimentos antes e após a intervenção*

**Educação Sexual e Reprodutiva**

A sexualidade é referente apenas às relações sexuais.
V F

O sexo (masculino/feminino) e o género (masculino/feminino) são a mesma coisa.
V F

Ser rapariga ou ser rapaz só se define no nosso órgão genital.
V F

A sexualidade é um direito de todos.
V F

Quando tenho relações sexuais com uma pessoa em quem confio muito, não preciso de usar preservativo.
V F

O preservativo tem a única função de evitar a gravidez.
V F

Na escola Poeta Manuel Silva Gaio, também em Coimbra, onde estão matriculadas algumas das crianças do Centro de Acolhimento, realizamos também três sessões para o 5º e 6º ano sobre Igualdade de Género, durante o mês de março. A planificação destas sessões foi a mesma que a das sessões na escola Doutora Maria Alice Gouveia, já acima descrita (Tabela 5). Uma destas sessões foi feita com uma turma onde estavam utentes do CAP, no entanto, tentámos não transparecer aos seus colegas de turma que os conhecíamos, de forma a evitar que estes pudessem ter algum tipo de constrangimento.

Num contexto de educação de adultos, participámos ainda num *workshop* sobre Tráfico de Seres Humanos, para alunos universitários da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra. Este *workshop* decorreu no dia 6 de março de 2020, com a duração prevista de quatro horas, no contexto no evento CIRCUS e com a presença de alunos de diferentes cursos e foi planificado por nós, sendo a oradora, a Diretora Geral da Akto, Sofia Figueiredo.

Para este *workshop*, os conteúdos programados foram os seguintes: Mitos e Factos, Conceito de TSH, Sinalização e apoio a vítimas de TSH e Prevenção e combate ao TSH. Desta forma, construímos uns pequenos bilhetes com frases e/ou mensagens (Anexo 4) que pudessem causar impacto e colocámos cada um deles em cada cadeira e/ou mesa. O objetivo seria, quando os participantes entrassem na sala e se sentassem, este seria o primeiro impacto que teriam com os dados e realidade do TSH. Como seriam muitos participantes, seria difícil começar por um *brainstorming*, de forma a captar a atenção de todos. Optámos então por criar um *Kahoot*³, com mitos e factos do TSH, abordando dados e conceitos, de forma a tentar perceber quais os conhecimentos e perspetivas dos participantes.

As perguntas inseridas no *Kahoot* foram as seguintes⁴:

1. O TSH refere-se unicamente às vítimas de exploração sexual:
 - Verdadeiro
 - **Falso**

³ *Kahoot*: plataforma *online* que permite realizar perguntas de resposta rápida, em forma de jogo.

⁴ A opção destacada a negrito é a resposta correta.

2. Anualmente, o Tráfico de Crianças gera:
 - 50 Milhões de dólares
 - 5 Bilhões de dólares
 - **10 Bilhões de dólares**
 - 80 Milhões de dólares
3. O TSH acontece com pessoas pobres e sem educação.
 - Verdadeiro
 - **Falso**
4. O TSH envolve sempre força física, rapto ou escravidão física.
 - Verdadeiro
 - **Falso**
5. A idade média de entrada no mercado sexual é
 - **13**
 - 18
 - 21
 - 15
6. Só as mulheres são vítimas de TSH.
 - Verdadeiro
 - **Falso**
7. Qual a forma de exploração identificada mais frequentemente?
 - Exploração laboral
 - Tráfico de órgãos
 - Adoção ilegal
 - **Exploração Sexual**
8. As vítimas de Tráfico são sempre recrutadas por grupos criminosos ou pessoas desconhecidas.
 - Verdadeiro
 - **Falso**

Depois deste jogo, iniciaríamos uma exposição dos conteúdos acima referidos, sempre de uma forma bastante informal e próxima com os participantes. No entanto, por impossibilidade pessoal, a Diretora Geral não pôde estar presente no *workshop* e

não nos foi possível arranjar outra solução, pela falta de tempo. Por esta razão, o *workshop* durou apenas duas horas e foi feito através de videochamada. Estivemos presentes no evento, fisicamente, e mediámos esta presença digital da Diretora. No entanto, consideramos que não realizamos um *workshop*, uma vez que se baseou mais numa exposição de conteúdos, pela difícil gestão que seria fazer um *workshop* com a oradora à distância.

Embora tenhamos preparado uma avaliação de satisfação para realizar no final da sessão (Anexo 5) optámos por não distribuir a mesma, uma vez que os participantes estavam bastante descontentes pela alteração de programa e pelo facto de não termos tido a oradora presencialmente. Desta forma, achámos que não seria pertinente avaliar a qualidade de um *workshop* quando este não aconteceu como tal.

Acompanhámos ainda a nossa orientadora local Ana Rita Brito, sem intervenção da nossa parte, numa palestra sobre TSH para as/os utentes do Centro Comunitário de Inserção da Cáritas de Coimbra. Aqui, foi visualizada uma reportagem “Os novos escravos” (2013), de Ana Sofia Fonseca, e discutido o tema, respondendo às perguntas das/dos utentes (reportagem disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=hS9SDuiKR20>).

Estas sessões realizadas nas escolas, faculdades e outros espaços de formação, foram o contributo que mais gostámos de dar à Akto, pois foi-nos possível colocar em prática muitos dos conteúdos aprendidos durante o curso, na faculdade. Além disto, as temáticas abordadas são do nosso interesse pessoal e consideramos serem importantíssimas de serem debatidas nas escolas e na sociedade. Por estas razões, pensamos que este é um dos mais importantes trabalhos da Akto: trazer informação aos diferentes públicos, provocando a discussão e a reflexão sobre os mesmos, através do contacto com informação científica e fidedigna.

Nos meses de março, abril e maio, havia ainda muitas outras sessões a realizar (seria, aliás, um período de muitas presenças deste tipo) em escolas, faculdades, escolas profissionais e outros espaços. No entanto, devido à pandemia Covid-19 e ao consequente cancelamento de todos estes eventos e do nosso estágio, estes não foram realizados.

3.2. Avaliação das sessões: reações à sessão e comparação de opiniões antes e depois da intervenção

Nas sessões realizadas na escola Doutora Maria Alice Gouveia, a fim de perceber a reação e/ou satisfação dos alunos relativamente à mesma, foi distribuído um questionário de satisfação, como pudemos ver na Figura 8, acima. Assim, foram recolhidos e analisados 250 questionários. Esta análise estatística foi realizada com recurso ao programa SPSS, um *software* de análise estatística. Assim, passamos agora a expor as conclusões dessa mesma análise.

O questionário incluiu as seguintes afirmações:

- Esta sessão abordou temas que considero interessantes.
- Aprendi coisas novas ao longo da sessão.
- Consegui entender tudo aquilo que foi dito na sessão.
- Foi possível esclarecer todas as minhas dúvidas.
- Gostei da forma como os assuntos foram tratados.
- De forma geral, gostei desta sessão.

Como resposta a estas afirmações, foi pedido aos alunos que assinalassem uma cruz na opção que mais se adequava à sua resposta. Assim, as opções de resposta eram as seguintes: *Discordo totalmente*, *Discordo parcialmente*, *Nem concordo nem discordo*, *Concordo Parcialmente* e *Concordo Totalmente*. Desta forma, criamos uma escala de concordância relativamente a estas afirmações, atribuindo o número 1 à opção *Discordo totalmente*, 2 à opção *Discordo parcialmente* e assim sucessivamente, sendo 5 a opção *Concordo totalmente*. Na tabela abaixo, expomos os resultados desta análise descritiva.

Tabela 8: *Análise da reação à sessão*

Estatística Descritiva					
	N	Mínimo	Máximo	Média	Erro Desvio
1. Esta sessão abordou temas que considero interessantes	250	1	5	4,63	,635
2. Aprendi coisas novas ao longo da sessão	250	1	5	4,38	,828
3. Coseguei entender tudo aquilo que foi dito na sessão	250	2	5	4,43	,668
4. Foi possível esclarecer todas as minhas dúvidas	249	1	5	4,19	,844
5. Gostei da forma como os assuntos foram tratados	248	2	5	4,59	,636
6. De forma geral gostei desta sessão	249	1	5	4,62	,692
N válido (de lista)	247				

Nesta tabela, podemos verificar que na primeira afirmação, relativamente ao interesse do tema tratado, a média foi de 4,63, o que indica que o tema vai ao encontro daquilo que são os interesses dos alunos. As restantes questões também apresentam uma média sempre superior a 4, incluindo a última “De forma geral, gostei da sessão”, com respostas com uma média de 4,62, o que se torna bastante positivo, pois demonstra que a sessão foi benéfica e útil para a grande maioria dos participantes.

De forma a compreender se os conteúdos seriam novos para os alunos e se a sessão permite um contacto com novas aprendizagens, realizamos uma análise mais detalhada à afirmação 2: “Aprendi coisas novas ao longo da sessão”. A Tabela 11, permite então fazer essa análise.

Tabela 9: *Análise das novas aprendizagens*

2. Aprendi coisas novas ao longo da sessão

		Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem acumulativa
Válido	1	3	1,2	1,2	1,2
	2	5	2,0	2,0	3,2
	3	23	9,2	9,2	12,4
	4	82	32,8	32,8	45,2
	5	137	54,8	54,8	100,0
	Total	250	100,0	100,0	

Aqui, é possível concluir que 87,6% dos alunos concorda total ou parcialmente em como aprendeu coisas novas ao longo da sessão.

Numa outra análise mais detalhada, e de forma a conseguir verificar o ajustamento da sessão ao nível de compreensão dos alunos, fizemos a análise que se encontra na Tabela abaixo, relativamente à terceira afirmação do questionário.

Tabela 10: *Análise do ajustamento da sessão ao nível da compreensão dos alunos*

3. Consegui entender tudo aquilo que foi dito na sessão

		Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem acumulativa
Válido	2	2	,8	,8	,8
	3	19	7,6	7,6	8,4
	4	99	39,6	39,6	48,0
	5	130	52,0	52,0	100,0
	Total	250	100,0	100,0	

Assim, é possível concluir que 91,6% dos alunos concorda total ou parcialmente em como compreendeu tudo o que foi dito na sessão.

Além destas afirmações, o questionário incluía três perguntas de resposta aberta:

- O que mais gostaste ao longo da sessão?
- O que menos gostaste ao longo da sessão?
- Sugestões de melhoria.

Uma vez que as respostas a estas perguntas não são curtas e/ou diretas, procuramos categoriza-las. Assim, na primeira questão, categorizamos sete tipos de resposta, tendo em conta o que os alunos indicavam ter gostado mais: *Estratégias, Conteúdos, Recursos, Clima, Abertura para perguntar e responder a questões, Atividades* e ainda a categoria *Tudo*, quando o aluno indicava ter gostado de tudo ou não respondia à questão partindo do princípio que tudo teria sido do seu agrado. A Tabela abaixo expõe os resultados desta análise.

Tabela 11: *Análise das respostas categorizáveis: O que mais gostaste?*

Categorias: O que mais gostaste?

	Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem acumulativa
Válido	91	36,4	36,4	36,4
Estratégias	49	19,6	19,6	56,0
Tudo	47	18,8	18,8	74,8
Conteúdos	30	12,0	12,0	86,8
Recursos	11	4,4	4,4	91,2
Clima	10	4,0	4,0	95,2
Abertura para perguntar e responder a questões	7	2,8	2,8	98,0
Atividades	5	2,0	2,0	100,0
Total	250	100,0	100,0	

Após analisarmos estes dados que a tabela fornece, é possível perceber 19,6% dos inquiridos indica ter gostado de tudo. A maioria, 36,4% refere que o que mais gostou foram as estratégias, referindo-se à forma como os assuntos foram abordados e à estratégia usada para tal. 12% dos alunos refere que o que mais gostou foram os próprios conteúdos da sessão e 4,4% indica os recursos utilizados. O clima é referido por 4% dos alunos, referindo-se muitas vezes à conversa descontraída que se gerou na sessão. 2,8% dos participantes refere que o que mais gostou na sessão foi a possibilidade de perguntar com abertura as suas dúvidas, assim como responder a questões que lhes eram feitas e 2% dos alunos refere que o que mais gostou foram as atividades realizadas (como os jogos, por exemplo).

Também na pergunta “O que menos gostaste ao longo da sessão?” foram categorizadas algumas respostas, num total de sete categorias: *Nada*, *Tempo curto para a sessão*, *O barulho provocado pelos colegas*, *Conteúdos*, *Recursos* e *Estratégias*.

Tabela 12: *Análise das respostas categorizáveis: O que menos gostaste?*

		Categorias: O que menos gostaste?			
		Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem acumulativa
Válido	Nada	199	79,6	89,2	89,2
	Tempo curto para a sessão	8	3,2	3,6	92,8
	O barulho provocado pelos colegas	6	2,4	2,7	95,5
	Conteúdos	4	1,6	1,8	97,3
	Recursos	4	1,6	1,8	99,1
	Estratégias	2	,8	,9	100,0
	Total	223	89,2	100,0	
Omisso	99	27	10,8		
Total		250	100,0		

Assim, podemos verificar que 79,6% dos alunos refere que não houve “nada” que tivesse gostado menos, 3.2% refere o pouco tempo da sessão e 2.4% indica que o que menos gostou foi o barulho provocado pelos colegas. Podemos ainda concluir que 1,6% dos inquiridos refere que o que menos gostou foram os conteúdos e temos a mesma percentagem para os alunos que referem que o que menos gostaram foram as estratégias adotadas.

Na pergunta “Sugestões de melhorias”, categorizamos também as respostas em dois tipos: *Nenhuma* e *Sessão com mais tempo*. Houve ainda respostas que não foi possível categorizar.

Tabela 13: *Análise de respostas categorizáveis: Sugestões de melhorias*

Categorias: Sugestões de melhorias

		Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem acumulativa
Válido		27	10,8	10,8	10,8
	Nenhuma	207	82,8	82,8	93,6
	Sessão com mais tempo	16	6,4	6,4	100,0
	Total	250	100,0	100,0	

A partir desta análise, é possível concluir que 82,8% dos alunos não coloca nenhuma sugestão ou refere não ter nenhuma sugestão e 6,4% dos alunos indica que a sessão deveria ser mais longa.

Também numa análise estatística feita com recurso ao *software* SPSS, comparamos os resultados do questionário já mencionado na Figura 9. Como mencionado acima, este questionário foi distribuído antes e depois da sessão, de forma a comparar os conhecimentos/opiniões pré e pós intervenção. As respostas assinaladas como Verdadeiro/Falso corretamente receberam a pontuação de 1 (um) ponto e as respostas assinaladas de forma errada tiveram 0 (zero) pontos. Assim, a tabela abaixo expõe esta comparação de pontuações, antes e depois da sessão.

Tabela 14: *Comparação dos resultados antes e depois da sessão*

Tabulação cruzada Opiniões pré * Opiniões pós

		Opiniões pós				Total
		3,00	4,00	5,00	6,00	
Opiniões pré	3,00	1	1	0	0	2
	4,00	0	0	1	4	5
	5,00	0	0	4	13	17
	6,00	0	0	0	18	18
Total		1	1	5	35	42

A partir desta tabela de dados cruzados, podemos concluir que nenhum dos alunos diminuiu a sua pontuação do primeiro para o segundo questionário, e que apenas um manteve a sua pontuação de 3 pontos. Ainda, um aluno aumentou a sua pontuação de 3 pontos para 4, um aluno aumentou a sua pontuação de 4 para 5 pontos e quatro alunos aumentaram a sua pontuação de 4 pontos para 6 pontos. Quatro alunos mantiveram a sua pontuação em 5 pontos e treze alunos aumentaram de 5 para 6 pontos. Finalmente, dezoito alunos mantiveram a sua pontuação (máxima) de 6 pontos.

3.3. Atividades de Estágio no Centro de Acolhimento e Proteção

No Centro de Acolhimento, realizámos funções de monitora. Integrámos uma equipa técnica multidisciplinar, com elementos com diferentes formações: uma jurista, uma socióloga, um animador socioeducativo, uma psicóloga, uma estagiária de Educação Social (estudante numa faculdade suíça) e uma auxiliar de ação direta.

Assim, realizamos funções no Centro por turnos (das 8h às 16h, ou das 16h às 00h ou das 00h às 8h). Em cada turno, está presente no Centro apenas um monitor e tem várias funções a desempenhar, sejam elas de gestão doméstica - refeições, higiene, limpeza - de acompanhamento ao estudo, aconselhamento psicológico, atendimento de telefonemas, gestão de conflitos, realização de atividades dentro e fora do Centro e muitas outras que possam surgir. Todos os turnos feitos no CAP têm de ser descritos num Diário de Bordo, onde cada monitor e/ou técnico deve escrever detalhadamente todos os acontecimentos da casa naquele dia.



Figura 10: *Ida ao Oceanário de Lisboa. (fotografia própria)*

As funções no CAP não se resumem àquilo que acontece dentro da casa, pois existe uma série de tarefas de apoio à casa que têm de ser feitas. Assim, realizámos compras de supermercado, acompanhámos as/os utentes em idas ao hospital (a consultas e episódios de urgência) e a outros serviços, transportámos as/os utentes do Centro para a escola e vice-versa, reunimos com as/os diretoras/diretores de turma de cada utente, assim como com as suas equipas de apoio psicológico e equipas da Segurança Social, acompanhamos as/os utentes em atividades (como a ida ao oceanário) e realizámos acolhimentos (isto é, a chegada de um novo utente) e retornos (a saída de um utente, para voltar ao seu país de origem) juntamente com o SEF. Participámos ainda em reuniões de equipa do CAP e ficámos responsáveis por, nos relatórios sociais de cada utente, escrever sobre as suas competências e *performance* académica. Estes relatórios são uma importante componente para o processo judicial que decorre em Tribunal para cada utente, assim como para os seus processos da Segurança Social.

No período de Natal, foi desenvolvida uma campanha de angariação de prendas, “A sua prenda vai fazer sorrir”, de forma a conseguir arrecadar uma prenda para oferecer a cada um dos utentes. Esta campanha foi pensada e aplicada exclusivamente por nós, no âmbito deste estágio, e desenvolveu-se da seguinte forma: cada criança/jovem escreveu uma carta “ao Pai Natal”, onde fez uma pequena lista de prendas que gostaria de receber. De seguida, foi lançada nas redes sociais da Akto uma publicação que dava conta da nossa campanha, através da qual qualquer pessoa se podia oferecer para ser Mãe ou Pai Natal de uma das crianças ou jovens, e assim, receber esta carta e escolher, entre a lista, uma prenda para oferecer. Devido às especificidades do Centro, tudo isto teve ser feito sem divulgar dados das crianças, não comprometendo assim a sua segurança.



Figura 11: Campanha “A sua prenda vai fazer sorrir”. (Imagem disponível em <https://www.facebook.com/akto.org/>)

Para alegria de todos, conseguimos uma Mãe Natal para todos os utentes e todos receberam mais do que um presente na noite de Natal.



Figura 12: Distribuição, na noite de Natal, das prendas angariadas. (fotografia própria)

Apesar de todo este conjunto de encargos que acabamos de expor, o monitor e/ou técnico, assim como todos os envolvidos no trabalho do Centro não tem apenas o dever de colocar em prática este encargos, mas também de construir um vínculo, pois “o cuidar deve ser visto como relacional e afetivo, assente num interesse e consideração pelo outro enquanto pessoa e não apenas na efetiva prestação de serviços” (GCPAS & CID (2005). *Manual de Boas Práticas: um guia para o acolhimento residencial das crianças, jovens e familiares*, p. 167).

As funções no CAP são, muitas vezes, desafiadoras. Estando apenas um (a) monitor(a), toda a responsabilidade cai sobre si. No dia-a-dia do CAP surgem muitos conflitos, seja entre as/os próprios utentes ou entre as/os utentes e a/o monitor(a), dada a pouca capacidade de gestão emocional dos utentes. Em momentos de grande tensão na casa é necessário agir de forma calma e responsável, tentando controlar a situação. Esta não é uma tarefa fácil, pois muitas vezes estes conflitos são físicos, no entanto, “face a uma situação de descontrolo, há que tentar manter a calma e serenar as pessoas. Isto pode-se conseguir através de palavras sensatas, linguagem corporal e um tom de voz que transmita serenidade e segurança” (GCPAS & CID (2005). *Manual de Boas Práticas: um guia para o acolhimento residencial das crianças, jovens e familiares*, p.150).

As crianças acolhidas pela associação Akto têm, muitas vezes, dificuldade em gerir toda a sua situação de vida, pelo que têm grandes dificuldades relacionais, podem ser agressivas e intempestuosas, assim como sentir-se deprimidas e desmotivadas muito frequentemente. Por esta mesma razão, a/o monitor(a) deve ter bem trabalhadas competências como a compreensão, o saber ouvir e aconselhar, o respeito, o incentivo, o sentido de confidencialidade e responsabilidade, para assim poder ser, da melhor forma possível, um ponto de ajuda.

O monitor tem ainda a função de educar a/o utente, tendo como responsabilidade ensinar valores, repreender quando a/o utente tem uma atitude menos positiva, elogiar as atitudes que assim o mereçam, tendo sempre como objetivo o melhoramento daquela/daquele utente, enquanto pessoa e futura/o adulta/o, procurando trabalhar com ela/e competências para a sua vida.

Independentemente desta atitude educacional ser consciente ou não, ela vai sempre acontecer. Uma vez que estas crianças não estão, naquele momento da sua vida, com as suas famílias, e tendo os monitores como modelos, este trabalho educativo acontece sempre, devendo, por isso ser feito com a maior das consciências e responsabilidades. Como nos diz Gomes, “todo o adulto que trabalha em acolhimento residencial é, na sua essência, um educador, seja quais forem as funções que desempenha.” Acrescenta ainda “tal como diz João dos Santos: «Educador é todo o adulto que tem a coragem e assume a responsabilidade de educar uma criança»” (Gomes, I., 2010).

Outras das funções de muita importância da equipa técnica do CAP, é o auxílio aos utentes, principalmente aos jovens que já atingiram ou vão atingir a maioridade, na construção dos seus projetos de vida. Assim, deve ter-se em conta que “o projeto de vida pode ser considerado uma chave mestra na intervenção a desenvolver durante o período de acolhimento”, como podemos ler no CASA 2011⁵ (ISS et al.) e é ainda importante referir que “esta estratégia de ação deverá passar, essencialmente, por um trabalho de avaliação/acompanhamento sistemático do processo no sentido de encontrar a resposta que melhor se adequa à situação concreta, salvaguardando sempre o superior interesse da criança e/ou jovem” (CASA,ISS et al., 2011) Assim, a equipa técnica deve

⁵ CASA: Relatório de Caracterização Anual da Situação de Acolhimento das Crianças e Jovens do Instituto da Segurança Social

auxiliar os seus utentes nos seus processos de autonomização, criando condições para que estes tomem as melhores decisões, de forma informada, consciente, responsável e adequada.

Gomes dá-nos ainda algumas daquelas que devem ser as principais funções das equipas de acolhimento residencial, que podemos transferir para o caso do CAP: “acreditar nas capacidades das crianças e dos jovens”; “dar espaço às crianças e aos jovens para poderem pensar “e “promover um ambiente reparador e terapêutico para as crianças ou para os jovens” são algumas das incumbências que toda a equipa técnica de um acolhimento residencial deve ter bem presentes na sua estratégia.

O nosso trabalho no CAP foi, por tudo isto, um trabalho difícil, mas de muita aprendizagem. As crianças e os jovens acolhidos no Centro, sendo ou não vítimas de TSH, trazem consigo muitas outras problemáticas, sendo vítimas de muitas outras coisas, como a pobreza e a educação deficitária.

No entanto, as vítimas não têm muitas vezes o perfil que podemos imaginar. Antes de termos tido um trabalho direto no CAP, a nossa perceção destas crianças (que ainda não conhecíamos), era de que seriam crianças que desejariam muito ir à escola, gostariam de qualquer refeição ou prenda que recebessem e teriam uma atitude humilde. Não queremos com isto dizer que estas crianças e jovens não são humildes, mas a nossa experiência e os vários acontecimentos que decorreram ao longo dela, fizeram mudar muito a nossa perspetiva. Salvo exceções, as/o utentes não gostavam nem queriam ir à escola. Não viam a escola como oportunidade, sendo isto talvez muito motivado pela gigantesca diferença entre os sistemas de ensino português e o do seu país de origem. Em momentos que as/os utentes receberam presentes (como no Natal ou no seu aniversário), a sua desilusão era bastante clara, chegando a ter uma atitude de desprezo para com a oferta que lhes era dada (mesmo sendo aquilo que tinham pedido para receber). A hora da refeição era muitas vezes, um momento difícil. Quando a ementa não ia de acordo com os seus gostos, estes podiam ser bastante críticos, o que não é de esperar quando sabemos que aquela criança teve, até ali, uma alimentação desequilibrada e pobre.

Estes são alguns dos sinais que demonstram que estas crianças têm as suas mentes muito desorganizadas e que necessitam de intervenção e educação a vários níveis. E por isso este trabalho, das equipas técnicas dos CAP, é tão exigente. A respeito destas dificuldades em manter o nosso trabalho, muitas vezes pouco reconhecido pelos utentes, Nóvoa diz-nos: “Continuamos sem saber como educar aqueles que não querem ser educados, como integrar aqueles que não querem ser integrados. E perante o desafio só nos resta ser humildes e também determinados.” O autor acrescenta ainda: “A relação educativa é muitas vezes difícil, mas não podemos deixar de assumir todas as nossas responsabilidades.” E não nos deixa esquecer que “o nosso caminho não é o da institucionalização da violência, mas sim o da construção do diálogo, da relação, da palavra. E nada mais ajuda à lucidez do que um conhecimento informado, uma compreensão crítica das realidades passadas e presentes” (Nóvoa, 2010:111 citado por Carvalho, 2013:3)

Como maior dificuldade do trabalho no CAP, podemos referir o facto de os utentes terem a grande tendência para mentir e ocultar factos da sua vida e da sua vinda para o Centro. Muitas vezes, mesmo os utentes mais novos, chegam até nós fortemente incitados a mentir à equipa técnica, acreditando que se nos disserem a verdade, terão consequências graves. Assim, o processo de cada utente vai-se alterando muito ao longo do tempo em que está institucionalizado, pois a sua história é muitas vezes diferente daquela que nos conta. Muitas vezes, os utentes não têm o discernimento para entender a situação na qual estão inseridos, nem se autopercecionam como vítimas de TSH e não consideram que a sua segurança foi colocada em causa, de alguma forma. Isto exige ainda mais dedicação da equipa em criar uma relação forte e de confiança mútua com cada utente, de forma individualizada e direta com o mesmo. Esta é uma tarefa desafiante e trabalhosa, mas importa termos a consciência de que “a forma mais natural de saber o que pensa, quer ou sente uma criança, ou jovem é junto do próprio”. Por isto mesmo, “devemos privilegiá-los enquanto fonte direta de informação. Ao fazê-lo, respeitando sempre a sua privacidade, não só mostramos interesse por ele, como lhe damos sinais de que acreditamos a sua capacidade de avaliar e exprimir os seus problemas e desejos.” Esta atitude “reforça a relação de confiança que tem de estar na base do nosso trabalho” (GCPAS & CID (2005). *Manual de Boas Práticas: um guia para o acolhimento residencial das crianças, jovens e familiares*, p. 147).

Outra das grandes dificuldades, não diz respeito ao trabalho direto com as crianças ou jovens, mas sim ao impacto que isso pode ter nos elementos de uma equipa deste género. As difíceis histórias de vida, as lacunas na sua proteção e promoção, a incerteza relativamente ao futuro daquelas crianças e/ou jovens, e tudo o que lhes causa sofrimento, criam uma carga emocional que está adjacente ao trabalho de toda a equipa. Isto pode ser de difícil gestão e por esta razão, as/os monitoras e monitores, assim como as/os e técnicas/técnicos têm a árdua “tarefa” de lidar com o impacto emocional que este trabalho tem em si própria/o, evitando que este não tenha consequências no seu desempenho profissional nem na sua vida pessoal.

Capítulo 4- Projetos de Investigação e Intervenção

4.1. Projeto de Investigação: Cores Universas

No decorrer deste estágio, participámos ainda em alguns trabalhos do Gabinete de Apoio ao Estudante (GAE), da FPCE-UC, nomeadamente no contexto do projeto Cores Universas.

Assim, âmbito da comemoração dos 20 anos do Dia Internacional da Memória Trans, participamos na construção de uma exposição intitulada *Trans 20 – Pessoas, histórias e memórias*. Esta foi uma exposição que incluiu um conjunto de nomes de pessoas transgéneros e transsexuais, com as suas histórias de vida, assim como marcos políticos e históricos, em Portugal e no mundo, na área dos direitos Trans. Esta mesma exposição esteve em exibição de 20 de novembro a 6 de dezembro de 2019, na FPCE-UC e incluiu ainda a participação num Workshop intitulado *Des/Fazendo Géneros*”, que abordou a temática da Identidade de Género e que foi dinamizado por Tatiana Motterle.

Ainda neste âmbito, participámos a recolha de dados para uma investigação intitulada *Estudos sobre Diversidade Sexual e de Género: Educação, Direitos Humanos e Cidadania*, da investigadora Cristiana Carvalho. Assim sendo, fomos responsáveis pela recolha de dados, através da distribuição do protocolo, na sua versão portuguesa, a alunos da FPCE-UC. Depois da distribuição deste protocolo, foi ainda feito um levantamento das respostas.

Realizamos também a formação *Invest em Ti*, no GAE, dinamizada pela Dra. Isabel Keating, Psicóloga do mesmo gabinete. Esta foi uma formação que incluiu 3 sessões e na qual os objetivos gerias eram os seguintes:

- “- Aumentar a qualidade das respostas no atendimento e na relação de ajuda;
- Identificar aspetos individuais envolvidos no atendimento;
- Treinar novos recursos pessoais e interpessoais;
- Melhorar a relação de ajuda;

- Melhor responder às solicitações que surgem de forma imprevista.” (*Invest em ti* (2020) Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação).

Demos também o nosso contributo através da participação em aulas da unidade curricular de Dinâmicas de Grupo, do 3º ano da licenciatura em Ciências da Educação e lecionada pela professora Maria do Rosário Pinheiro, auxiliando na preparação e dinamização de atividades com os alunos.



Figura 13: Atividades na aula de Dinâmicas de Grupo. (fotografia própria)

Assistimos à conferência *Preconceito contra a diversidade sexual e de género no Brasil: Pesquisas sobre vítimas e agressores* (certificado no Anexo 6), que decorreu na FPCE-UC e foi organizada pelo GAE e pelo Observatório da Cidadania e Intervenção Social (OCIS) da faculdade já mencionada.



Figura 14: Apresentação do CAP na Semana da Saúde da FPCE-UC. (fotografia própria)

Participamos ainda na Semana da Saúde da FPCE-UC (em formato de videoconferência), no dia cinco de junho, onde apresentamos o CAP de menores, para todos os participantes.

4.2. Projeto de Intervenção: “Oficinas de Férias- Aprender sobre os Direitos Humanos”

No contexto do nosso contributo no âmbito da educação para os Direitos Humanos, planificamos uma intervenção intitulada “Oficinas de Férias-Aprender sobre os Direitos Humanos”. Esta é uma Oficina de quatro dias (18, 19, 20 e 23 de dezembro) com a intenção de ter sido implementada na interrupção letiva de Natal e dirigida a crianças do 3º e 4º ano do 1º Ciclo do Ensino Básico, com idades compreendidas entre os 9 e os 10 anos.

Assim, a planificação destas Oficinas teve como grande temática os Direitos Humanos, focando-se em alguns temas específicos, como a IG, a Democracia, a diversidade cultural e outras. As atividades presentes nestas Oficinas, foram inspiradas no *Compasito*, um manual de educação para os Direitos Humanos para crianças. No entanto, foram também incluídas atividades lúdicas e de expressão artística, assim como momentos de entretenimento, com o objetivo de tornar a Oficina um espaço de aprendizagem, mas também de diversão, tendo em conta a faixa etária do público-alvo, assim como o facto de estes se encontrarem no período de férias.

O objetivo geral desta Oficina é: desenvolver uma atitude crítica, atenta e informada no domínio dos Direitos Humanos. Por sua vez, os objetivos específicos são os seguintes:

- Conhecer as diferentes esferas dos Direitos Humanos, nomeadamente alguns dos documentos legais que sustentam a base dos mesmos;
- Valorizar a importância do conhecimento e da ação para os Direitos Humanos;
- Aplicar os conhecimentos adquiridos no dia-a-dia, na relação com os outros e na sua construção pessoal.

Assim, passamos agora a apresentar a planificação destas oficinas.

Tabela 15: Planificação da Oficina: dia 18 de dezembro

18 de dezembro					
Quarta-feira					
Horário	Temas	Conteúdos	Atividades	Recursos	Objetivos
9:00h-10:30h	Sessão de boas-vindas.	-	Dinâmicas de grupo quebragelo: “Para nos conhecermos” (1) e “Com quem estará a bola?” (2)	- Novelo de lã; - Bola pequena; - Venda para os olhos.	- Conhecer todos os participantes; - Envolver-se na aprendizagem e integração do grupo.
10:30h-11:15h	Direitos Humanos: o que são?	- O que são os Direitos Humanos? - Necessidades e Direitos: qual a relação?	- <i>Brainstorming</i> sobre Direitos Humanos. (3)	- Quadro de parede; - Cartolina; - Caneta.	- Identificar diferentes Direitos Humanos; - Relacionar as necessidades de cada um com os seus direitos, identificando estes como uma resposta às necessidades.
11:30h-13:00h	Direitos Humanos para todos!	- Todos os seres humanos são dignos e merecedores de direitos; - Todos diferentes, todos iguais: a diversidade e a igualdade; - Declaração Universal dos Direitos Humanos; - Heróis da nossa história: mulheres e homens de luta pelos direitos.	- Somos todos seres humanos (4); - Direitos, desejos e necessidades (5).	- Computador com acesso à internet; - Projetor; - Três cartolinas; - Cartões com frases/palavras	- Compreender a universalidade, indivisibilidade e interdependência dos Direitos Humanos; - Compreender que a diferença entre os seres humanos não torna uns menos dignos que outros; - Conhecer a Declaração Universal dos Direitos Humanos; - Nomear exemplos de figuras históricas na área dos Direitos Humanos; - Identificar formas de violação dos Direitos Humanos.

		- Quando os direitos não são respeitados.			
13:00h-14:00h	Pausa para almoço				
14:00h-14:30h	Direitos Humanos a brincar.	- Os diferentes Direitos Humanos.	- Jogo da memória (6).	- Cartões com imagens e desenhos que representem diferentes direitos.	- Identificar diferentes Direitos; - Desenvolver o espírito de equipa; - Desenvolver a capacidade de memória.
14:30h-16:00h	Sessão “Faz de conto” com dinamizadora convidada				
16:00h-17:00h	Pausa para lanche				
17:00h-17:30h	-	-	- Jogo: “O Artista Cego” (7).	- Lápis; - Papel para desenhar; - Desenhos.	- Descrever os elementos de um desenho de forma explícita; - Ilustrar o/a colega, através das suas características físicas.
17:30-18:00h	- Direitos Humanos	- Direitos da Criança; - Educação; - Deveres.	Jogo dos Direitos - Rede Anti Pobreza (8)	- Tabuleiro, cartões e ficha técnica e de regras do Jogo dos Direitos.	- Interpretar situações relacionadas com o respeito/desrespeito pelos DH. - Aplicar soluções ou respostas para as situações apresentadas.
18:00h-18:30h	O que aprendi ao longo do dia de hoje.	Todos os conteúdos abordados ao longo do dia, direta ou indiretamente.	Atividade de reflexão: “Lançamento da bola” (9)	- Bola pequena.	- Refletir sobre as aprendizagens tidas ao longo do dia; - Avaliar os novos conhecimentos.
18:30h-19:00h	-	-	Avaliação do dia: Quantas estrelas merece? (10)	- Estrelas de cartão (5 para cada criança).	- Avaliar a satisfação relativamente aos temas, conteúdo e estratégias adotadas na Oficina.

Nota: As atividades estão numeradas e explicitadas abaixo, conforme a numeração.

Apesar de este ter sido um Projeto de Intervenção planejado e totalmente planejado para ser colocado em prática nas datas já referidas, por impossibilidade da própria Organização, não foi possível colocá-lo em prática nas férias de Natal. Assim, este projeto foi remarcado para as férias da Páscoa, aproveitando novamente a interrupção letiva. No entanto, devido à pandemia Covid-19, isto não foi possível, ficando a sua aplicação em suspenso.

1. Para nos conhecermos: Todos de pé e posicionados em círculo. Com um novelo de lã, inicia-se a dinâmica: a primeira pessoa diz o seu nome, idade e cor preferida. Atira o novelo a alguém e essa pessoa diz o nome, idade e cor preferida do colega que lhe atirou o novelo, assim como o seu (nome, idade e cor preferida). Atira o novelo a alguém e esse alguém faz o mesmo e assim por diante. No fim, teremos uma teia/rede,
2. Com quem estará a bola? As crianças devem estar em círculo, com pernas cruzadas. Uma das crianças está sentada no centro, com os olhos vendados. As outras crianças passam a bola entre si e ao sinal do dinamizador, colocam as mãos para trás, escondendo a bola. A menina/o que está no centro, abre os olhos e aponta para aquele que imagina que tenha a bola. Se errar, repete o jogo. (Poderá ser feito no exterior, se houver condições atmosféricas para tal). (*Educação e Transformação* (2020). Disponível em: <https://www.educacaoetransformacao.com.br/dinamica-quebra-gelo/>)
3. No quadro, teremos uma cartolina de papel com o título “Direitos Humanos”. Cada criança diz uma palavra/frase sobre aquilo que pensa que são os Direitos Humanos e essas palavras/frases vão sendo escritas. Se a crianças disserem ou demonstrarem não saber o que são os Direitos Humanos, o dinamizador deve lançar palavras como justo/injusto ou pedir para referirem as necessidades das pessoas, em geral. Depois disto, ler cada uma das palavras/frases e conversar em grupo sobre a mesma. Conduzir o diálogo de forma a frisar que os Direitos asseguram as necessidades de cada um. Este mapa de ideias ficará exposto até ao final da semana, de forma a podermos revisitá-lo e/ou concluí-lo.
4. Esta atividade deve começar pelo visionamento e exploração do vídeo “Direitos Humanos”, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hGKAaVoDlSs>. A exploração do vídeo deve partir da pergunta: “O que podemos aprender no vídeo?”. Através da

participação de todos, podem inserir-se as respostas na cartolina anteriormente utilizada, de forma a expor e relacionar as palavras/frases ditas no *brainstorming* com aquelas ditas acerca do vídeo.

5. Direitos, Desejos e Necessidades: a atividade deve começar por pedir às crianças para se sentarem no chão, em círculo. De seguida, o dinamizador coloca cartões no chão, no centro do círculo. Esses cartões terão escritas frases que podem ser “Desejos” ou “Necessidades”. No quadro, estarão duas cartolinas, uma com a palavra “Desejos” e outra com “Necessidades”. Deve pedir-se a cada criança que retire um cartão e o leia aos restantes participantes, dizendo se considera ser uma necessidade ou um desejo. Em grupo, pondera-se em qual das duas cartolinas se deve colar o cartão. Uma vez que já todos os participantes tenham tirado um cartão, deve iniciar-se o debate, que pode partir de algumas perguntas como:

“- Como seria a vida das crianças se as necessidades identificadas não fossem asseguradas?

- E se os desejos não fossem cumpridos?

- Todas as crianças necessitam de ver as necessidades garantidas?

- Por que é que algumas necessidades devem ser protegidas como se fossem direitos?

- Será que todas as crianças têm os seus direitos respeitados?

- Que outros direitos as crianças deviam ter?

- O que se poderia fazer para que os direitos das crianças fossem respeitados em todo o mundo?” UNICEF (2017). *Guia para Educadores e Professores*. Disponível em:

<https://www.unicef.pt/media/1311/guia-educadores-professores-dudc.pdf>

6. Jogo da memória: O grupo é dividido em pequenos grupos de três ou quatro elementos. O dinamizador fornece, a cada grupo, um conjunto de cartões com desenhos e imagens e coloca-os de face para baixo e baralhados. Cada desenho ou imagem está presente em dois cartões. Cada elemento do grupo, um de cada vez, vira dois cartões, tentando conjugar os pares. No final no jogo, com todos os pares encontrados, deverá perguntar-se às crianças quais os direitos representados nos cartões. O grupo que terminar o jogo em menos tempo, é o vencedor.
7. O Artista Cego: Juntar as crianças em pares. De costas um para o outro, uma das crianças terá um papel e alguns lápis e a outra terá um desenho distribuído previamente.

Esta criança deverá descrever o desenho para o colega e este terá que desenhar conforme essa descrição. No final, viram-se um para o outro, para compararem os desenhos. (adaptado de <https://escolaeducacao.com.br/11-dinamicas-de-grupo-para-criancas/>)

8. Jogo dos Direitos - Rede Anti-pobreza Portugal: Jogo de tabuleiro, com perguntas, criado pela Rede Anti-pobreza, através do seu Núcleo Distrital de Braga que tem como objetivo “informar e ensinar os mais novos sobre os seus direitos e deveres, de forma lúdica e divertida.” European Anti Poverty Network Portugal (2018). *Jogo dos Direitos*. Disponível em: <https://www.eapn.pt/documento/605/o-jogo-dos-direitos>
9. Lançamento da bola: É lançada uma bola. A primeira criança a apanhá-la deverá indicar alguma coisa que tenha aprendido durante o dia. Depois, passa a bola a outra criança e esta deverá dizer também um exemplo de algo que tenha aprendido. Deverá passar-se a bola por todas as crianças. (Compassito, 2009, p.50)
10. Avaliação do dia: Quantas estrelas merece? Cada criança terá 5 estrelas de cartão. Deverá avaliar o dia de 1 a 5, sendo 1 – Muito Mau, 2- Mau, 3- Mais ou menos, 4- Bom, 5- Muito bom. Assim, se quiser avaliar com 1, deve levantar uma estrela, se quiser avaliar com 2, deverá levantar das estrelas e assim sucessivamente. Esta atribuição do número de estrelas deve partir da leitura, em voz alta, por parte da dinamizadora, das seguintes frases:
 - Hoje aprendi coisas novas
 - Gostei dos jogos e das atividades.
 - Gostei das coisas que aprendi.
 - Amanhã gostava de voltar.Deverá registrar-se o número de estrelas atribuído por cada um dos participantes.

Tabela 16: *Planificação da Oficina: dia 19 de dezembro*

19 de dezembro					
Quinta-feira					
Horário	Temas	Conteúdos	Atividades	Recursos	Objetivos
09:00h-10:00h	Sessão de boas-vindas	-	- Dinâmica de grupo: a música parou! - Jogo à escolha dos participantes	-Bola pequena; -Computador com acesso à internet.	- Envolver-se com o grupo e participar de forma ativa nas dinâmicas e jogos.
10:00h-11:00h	Paz e Democracia: o que são?	- Paz -Democracia	- <i>Brainstorming</i> sobre a paz e a democracia (11); - Visualização e exploração do vídeo “Era uma vez a democracia...” (12) - Exposição de alguns conceitos	- Quadro de escrita; - Caneta/giz; - Computador com acesso à internet;	- Identificar diferentes elementos que possam estar ligados à democracia/paz; - Identificar elementos que possam ser vistos como contrários à paz e à democracia.
11:00h-13:00h	O que significa a paz, para mim?	-Paz: as suas diferentes manifestações e/ou formas.	- A árvore da Paz (13)	- Pequenas bolas de esferovite; - Tintas, pincéis, marcadores e lápis.	- Enunciar aspetos que possam conduzir à paz, de uma forma geral; - Refletir sobre o que significa a paz, de forma pessoal e global.
13:00h-14:00h	Pausa para almoço				
14:00h-14:30h	- Jogos Tradicionais.	- Regras do jogo.	Jogo do lençinho	- Lenço de pano.	- Conhecer um jogo infantil tradicional.
14:30h-16:00h	Atividade dinamizada pela associação Promundo				
16:00h-16:30h	- Direitos Humanos	- Direitos da Criança; - Educação; - Deveres	Jogo dos Direitos - Rede	- Tabuleiro, cartões e ficha	- Interpretar situações relaciona-

			Anti Pobreza (8)	técnica e de regras do Jogo dos Direitos	das com o respeito/desrespeito pelos DH. - Aplicar soluções ou respostas para as situações apresentadas
16:30h-17:30h	Pausa para o lanche				
17:30h-18:30h	Trabalhos manuais com dinamizadora convidada				
18:30h-19:00h	O que aprendi ao longo do dia de hoje	Todos os conteúdos abordados ao longo dia, direta ou indiretamente	Atividade de reflexão: "Lançamento da bola" (9)	Bola pequena.	Avaliar os novos conhecimentos.
Tempo livre para brincar					

Nota: As atividades estão numeradas e explicitadas abaixo, conforme a numeração.

11. No quadro, teremos uma folha de papel com o título "Paz" e o título "Democracia". Cada criança é convidada a dizer uma palavra ou frase sobre aquilo que pensa que é a Paz e a Democracia e essas palavras e/ou frases vão sendo escritas. Depois, deve ler-se cada uma das palavras e/ou frases e conversar em grupo sobre a mesmas. Este mapa de ideias ficará exposto até ao final da semana, de forma a podermos revisitá-lo e/ou concluí-lo.
12. Visualização e exploração do vídeo "Era uma vez a democracia...", disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qH21z2JwR60>. Pedir aos participantes para comentarem a mensagem que o vídeo transmite.
13. A árvore da paz: Será distribuído a cada criança uma pequena bola de esferovite. Nessa bola, cada criança deve escrever um desejo que, na sua perspetiva, seja algo que possa "gerar paz" (no mundo/país/casa/etc.), refletindo sobre como é que a paz se traduz em algo concreto. Todos devem também decorar a sua bola. Estas bolas deverão ser colocadas numa árvore, que será a árvore de Natal do grupo.

Tabela 17: Planificação da Oficina: dia 20 de dezembro

20 de dezembro					
Sexta-feira					
Horário	Temas	Conteúdos	Atividades	Recursos	Objetivos
09:00h-10:00h	Sessão de boas vindas	Desporto e atividade física em grupo	Jogo de futebol com equipas mistas.	- Bola de futebol	- Desenvolver espírito de equipa.
10:00h-11:00h	Igualdade de Género	- As características físicas, biológicas, psicológicas e sociais das meninas/mulheres e dos meninos/homens.	<i>Brainstorming</i> : as meninas e os meninos (14)	- Quadro de escrita.	- Identificar aspetos relacionados com as meninas/mulheres e os meninos/homens; - Interpretar a razão pela qual esses aspetos são associados de determinada forma; - Compreender algumas destas características como construções sociais.
11:00h-11:30h	Género: características resultantes de construções sociais.	- As características dos meninos e das meninas: será mesmo assim?	Jogo: “Meninos não choram” (15)	- Cartolinas com a identificação do nome de cada canto da sala.	- Refletir sobre as frases ditas e ser capaz de formar uma opinião relativamente às mesmas; - Defender a sua opinião, partilhando os seus argumentos e respeitando os dos outros.
11:30h-13:00h	Igualdade de Género	- As profissões de género.	Encontro com profissionais (mulheres e homens) de diferentes áreas que irão expor o seu testemunho relativo à profissão que escolheram, evidenciado como sentiram a sua profissão como uma profissão de género.	-	- Conhecer casos reais de mulheres e homens que escolhem profissões usualmente ligadas ao género oposto;

13:00h-14:00h	Pausa para almoço				
14:00h-14:30h	- Igualdade de Género.	- A igualdade de género no dia-a-dia.	Jogo: Viver em Igualdade (CIG)	- Cartas de jogar.	- Identificar exemplos de IG colocada em prática, em atividades de quotidiano.
14:30-15:00h	- Igualdade de género	- A igualdade de género e o seu impacto na vida das pessoas.	Visualização e exploração do vídeo "A igualdade de género é, antes de tudo um direito humano." ⁶	- Computador - Projetor.	- Refletir sobre
15:00h-16:00h	Momento musical – concerto com artista convidado				
16:00h-17:00h	Pausa para lanche				
17:00h-18:30h	- Escrever uma história aos quadrinhos	- Direitos Humanos - Banda Desenhada	Criação de uma banda desenhadas com uma história que aborde os DH.	- Lápis; - Canetas e lápis; - Estrutura da banda desenhada.	- Inventar uma história que aborde os DH.
18:30h-19:00h	O que aprendi ao longo do dia de hoje.	Todos os conteúdos abordados ao longo do dia, direta ou indiretamente	Atividade de reflexão: "Lançamento da bola" (9)	Bola pequena.	Avaliar os novos conhecimentos.
Tempo livre para brincar					

Nota: As atividades estão numeradas e explicitadas abaixo, conforme a numeração.

14. *Brainstorming* - As meninas e os meninos: No quadro, deverão estar desenhadas duas tabelas. Uma deverá ter o título "Meninas" e a outra "Meninos". É pedido ao grupo que diga características físicas, biológicas, psicológicas, sociais, de comportamento, atitude, gostos, profissões, atividades, desportos, etc., das meninas e mulheres. Depois, deverão fazer o mesmo exercício para os meninos e homens. Estas características deverão ser escritas na respetiva lista. Depois das duas listas feitas, deverão apagar-se as características físicas e biológicas de ambas as listas e deverão trocar-se os títulos, ficando a primeira lista com o título "Meninos" e a segunda com título "Meni-

⁶ Vídeo: "A igualdade de Género é, antes de tudo, um direito humano", disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=UN6kWKTI_el

nas”. Deverão então ler-se as listas novamente, tento explorar a questão das características que estão agora associadas à lista oposta. Poderá partir-se de perguntas como:

- Esta lista faz sentido, com o novo título?
- Podemos associar também estas características à menina/menino?
- Porque será que normalmente se associam determinadas características às meninas e outras aos meninos?
- Isso poderá ter consequências?

15. *Boys don't cry*: esta atividade é dividida em duas partes: na primeira, deve explicar-se ao grupo que a sala está dividida em quatro cantos: *Concordo*, *Não sei*, *Ainda estou a pensar* e *Discordo*. Depois devem ler-se algumas frases, como por exemplo:

- Os rapazes não choram;
- As raparigas são fracas e os rapazes não;
- As saias são para as meninas;
- É melhor ser menina do que menino;
- Os rapazes podem andar à luta, mas as meninas não.

Estas frases devem ser lidas uma a uma e cada participante deve tomar uma posição, deslocando-se para o canto da sala que pretende. Depois, deve perguntar-se o porquê daquela opinião e deve permitir-se que os participantes mudem de posição, depois de ouvirem os argumentos uns dos outros. No final, deve reunir-se o grupo e partir para uma discussão sobre a atividade, podendo partir de perguntas como:

- Porque achas que as pessoas têm opiniões diferentes sobre este assunto?
- Algum dos argumentos te fez repensar a tua opinião?
- Como podemos saber qual a opinião/posição “correta”? (adaptado de *Compassito*, 2007)

16. *Jogo- Viver em Igualdade (CIG)*: Proposta didática criada pelo Servizo Galego de Igualdade e publicada em Portugal pela CIG, em formato de jogo da memória e que aborda a questão da IG, através da ilustração de exemplos de como a IG pode ser colocada em prática. (Servizo Galego de Igualdade (2013). *Viver em Igualdade*. Disponível em:

<http://cid.cig.gov.pt/Nyron/Library/Catalog/winli-brsch.aspx?skey=749518652148415AB21D194624099927&cap=1%2c2%2c3%2c4%2c6%2c8%2c13%2c14%2c15%2c16&pesq=2&var0=Viver%20em%20Igualdade&opt0=and&t01=Viver%20em%20Igualdade&t02=and&t03=0&doc=9353>)

Tabela 18: *Planificação da Oficina: dia 23 de dezembro*

23 de dezembro Segunda-feira					
Horário	Temas	Conteúdos	Atividades	Recursos	Objetivos
09:00h-09:30h	Sessão de boas vindas.	- Trava Línguas e Lenga Lengas tradicionais	Trava Línguas em grupo: o dinamizador irá dar a conhecer alguns trava línguas, que os participantes terão de tentar reproduzir.	-	-
09:30-11:30h	Sessão de teatro com grupo convidado				
11:30h-13:00h	Os Direitos Humanos são um tesouro!	- Direitos Humanos; - Charadas; - Adivinhas.	- Caça ao tesouro	- Papéis com pistas - Tesouros: chocolates, livros, etc.	- Ser capaz de descobrir a solução das pistas dadas e encontrar os tesouros; - Mostrar capacidade de trabalho em equipa.
13:00h-14:00h	Pausa para almoço				
14:00h-14:30h	- Direitos Humanos.	- Direitos da Criança; - Educação; - Deveres	Jogo dos Direitos - Rede Anti Pobreza (8)	- Tabuleiro, cartões e ficha técnica e de regras do Jogo dos Direitos	- Interpretar situações relacionadas com o respeito/desrespeito pelos DH. - Aplicar soluções ou respostas para as situações apresentadas.
14:30h-15:00h	-	-	Jogo: Com quem estará a bola? (2)	- Bola pequena; - Venda para olhos.	
15:00h-16:00h	O que aconteceu ao longo destas oficinas? O que me marcou?	Todos os conteúdos abordados ao longo da oficina, direta ou indiretamente.	Hora da pintura: pintar uma tela com uma ilustração sobre as oficinas	- Telas; - Tintas; - Pincéis.	- Refletir e ilustrar as aprendizagens e experiências tidas ao longo das oficinas.

16:00h-17:00h	Pausa para lanche				
17:00h-18:30h	Natal	-	Filme de Natal "Crónicas de Natal"	- Computador; - Projetor.	-
18:30h-19:00h	Como avallio estas oficinas?	Todos os conteúdos abordados ao longo da oficina, direta ou indiretamente, assim como as atividades, recursos e estratégias usadas.	Avaliação final (Tabela 19)	- Lápis/caneta; - Tabela de avaliação de satisfação.	- Refletir sobre as aprendizagens e experiências que as oficinas proporcionaram.
Tempo livre para brincar					

Para a realização da avaliação da satisfação relativamente às Oficinas, foi construída a tabela que se encontra abaixo.

Tabela 19: Avaliação final de satisfação

	Muito Mau	Mau	Razoável	Bom	Muito Bom
Os temas abordados.					
As coisas que aprendi.					
As atividades realizadas.					
A forma como a dinamizadora abordou os assuntos.					
A forma como a dinamizadora implementou as atividades e jogos.					
As dinamizadoras/dinamizadores convidadas/convidados.					
A minha relação com as outras crianças.					
A minha opinião global acerca das Oficinas.					
Qual foi o teu momento preferido?					
Qual foi o momento que menos gostaste?					

Sugestões de melhorias:

Reflexões finais

No final deste relatório, que expõe todo o percurso do estágio realizado, impõe-se uma reflexão sobre esse mesmo percurso e os seus resultados.

Antes de mais, importa referir que fomos recebidos na associação Akto com toda a disponibilidade a abertura, o que permitiu ter uma experiência real de contacto com o mundo de trabalho e que permitiu adquirir novos conhecimentos, novas perspetivas e uma verdadeira experiência de trabalho de estágio. Todas as funções ou atividades que foram realizadas possibilitaram-nos contribuir para este estágio de forma ativa e autónoma, mas sempre acompanhada e supervisionada. Consideramos que foram desenvolvidas e aperfeiçoadas competências como o espírito de equipa, a responsabilidade, a adaptabilidade aos diferentes contextos que foram surgindo, a comunicação assertiva, a proatividade e a aprendizagem contínua. Da nossa parte, consideramos que conseguimos corresponder às expectativas que se impõem num estágio ao nível do mestrado, tendo demonstrado capacidade para atender a todas as funções e trabalhos solicitados, tendo sempre presente a perspetiva de um profissional de Ciências da Educação.

As sessões por nós dinamizadas nas escolas foram também um elemento de muita importância para nós, uma vez que permitiram pôr em prática um conjunto de conhecimentos e competências adquiridos ao longo da licenciatura e do mestrado e que, de forma autónoma, pudemos vivenciá-las num contexto real. Ainda relativamente a estas sessões, a análise em *software* SPSS dos questionários distribuídos, permitiu especialmente adquirir novas competências, ao nível do próprio domínio do *software* e da investigação descritiva, até então não consolidadas.

O contributo dado no âmbito do GAE proporcionou a vivência de outras experiências, vividas em paralelo com o trabalho na associação, permitindo contactar com outras equipas e outras temáticas, que muito enriqueceram este estágio.

De forma a concluir, destacamos o entusiasmo com que fechamos este ciclo de estudos, levando na bagagem uma experiência riquíssima em forma e conteúdo.

Referências Bibliográficas

Associação Akto – Direitos Humanos e Democracia. Disponível em: www.akto.org

Brander, T., Witte, L., Ghanea, N., Gomes, R., (2016) *Compass: Manual de Educação para os Direitos Humanos com jovens* (1ª Ed.) Lisboa: Dínamo.

Carvalho, M. (2013). *Sistema Nacional de Acolhimento de Crianças e Jovens*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género (2020). *Centro de informação e documentação*. Disponível em: <http://cid.cig.gov.pt/Nyron/Library/Catalog/win-libsrch.aspx?skey=749518652148415AB21D194624099927&cap=1%2c2%2c3%2c4%2c6%2c8%2c13%2c14%2c15%2c16&pesq=2&var0=Viver%20em%20Igualdade&opt0=and&t01=Viver%20em%20Igualdade&t02=and&t03=0&doc=9353>

Comité da Redação da Declaração dos Direitos Humanos (1948). *Declaração Universal dos Direitos Humanos*

Dias, A. (s/d). A escola como espaço de socialização da cultura em Direitos Humanos. Disponível em: <http://www.cchla.ufpb.br/redhbrasil/wp-content/uploads/2014/04/A-ESCOLA-COMO-ESPA%C3%87O-DE-SOCIALIZA%C3%87%C3%83O.pdf>

Educação e Transformação (2020). *Dinâmica de quebra-gelo*. Disponível em: <https://www.educacaoetransformacao.com.br/dinamica-quebra-gelo/>

Escola educação (2020). *11 dinâmicas de grupo para crianças*. Disponível em: <https://escolaeducacao.com.br/11-dinamicas-de-grupo-para-criancas/>

Flowers, N. (2007). *Compassito: Manual on Human Rights education for children*. Budapeste: Conselho da Europa

Gomes, I. (2010). *Acreditar no futuro*. Lisboa: Texto Editora. Disponível em: <https://docplayer.com.br/61879269-Isabel-gomes-acreditar-no-futuro.html>

Grupo de Coordenação do Plano de Auditoria Social & CID – Crianças, Idosos e Deficientes – Cidadania, Instituições e Direitos (2005). *Manual de Boas práticas: Um guia para o acolhimento residencial das crianças e jovens para dirigentes, profissionais, crianças, jovens e familiares*. Lisboa: Instituto da Segurança Social

Ministério da Administração Interna (2019). *Tráfico de Seres Humanos- Relatório de 2018*. Disponível em: https://www.otsh.mai.gov.pt/wp-content/uploads/OTSH_Relatorio_Anual_TSH_2018_corrigido_03AGO19.pdf

Observatório para o Tráfico de Seres Humanos. (2020). Disponível em: www.otsh.mai.gov.pt

Projeto Euro TrafGulD. (2014). *Sistema de referência nacional de vítimas de Tráfico de Seres Humanos- Orientações para a sinalização de vítimas de tráfico de seres humanos em Portugal* (Multilingues21, Trad.). Lisboa: CIG. Disponível em www.otsh.mai.gov.pt

Quality4Children. (s.d.). *Normas para Acolhimento de Crianças fora da sua família biológica na europa*. Áustria.

Rede Europeia Anti-pobreza (2020). *O jogo dos Direitos*. Disponível em: <https://www.eapn.pt/documento/605/o-jogo-dos-direitos>

UNICEF (2017). *Guia para Educadores e Professores*. Disponível em: <https://www.unicef.pt/media/1311/guia-educadores-professores-dudc.pdf>

United States Publication (2004) *Teaching Human Rights*

Anexos

Anexo 1: Notícia do jornal JM Madeira (2019).⁷

JM Madeira Edição Impressa Multimédia Rádio Assinante Contactos Arquivo Eventos

Região Ocorrências Economia Nacional Mundo Pessoas Cultura Religião Desporto Opinião & Crónicas Necrologia

SEF IDENTIFICA TRÊS CRIANÇAS VÍTIMAS DE TRÁFICO HUMANO NO AEROPORTO DE LISBOA

Artigo | 21/12/2019 14:08

O Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF), deteve, no início deste mês, um cidadão estrangeiro por fortes indícios da prática dos crimes de auxílio à imigração ilegal e tráfico de seres humanos, quando, à chegada ao Aeroporto de Lisboa, num voo proveniente de Angola, conduzia dois menores de 9 e 15 anos, alegando ser seus filhos, revela o Notícias ao Minuto.

Num comunicado citado pela referida fonte, o SEF revela que foram desde logo suscitadas dúvidas quanto à paternidade das crianças.

Por forma a acautelar o superior interesse das crianças, foi solicitado ao Ministério Público do Tribunal de Família e Menores a realização de um teste de ADN, cujo resultado conhecido esta sexta feira veio a revelar "excluído de forma conclusiva" os laços de parentesco invocados.

Os menores foram assim sinalizados como vítimas de tráfico de seres humanos e encaminhados para uma casa de acolhimento segura, onde vão aguardar os ulteriores trâmites processuais.

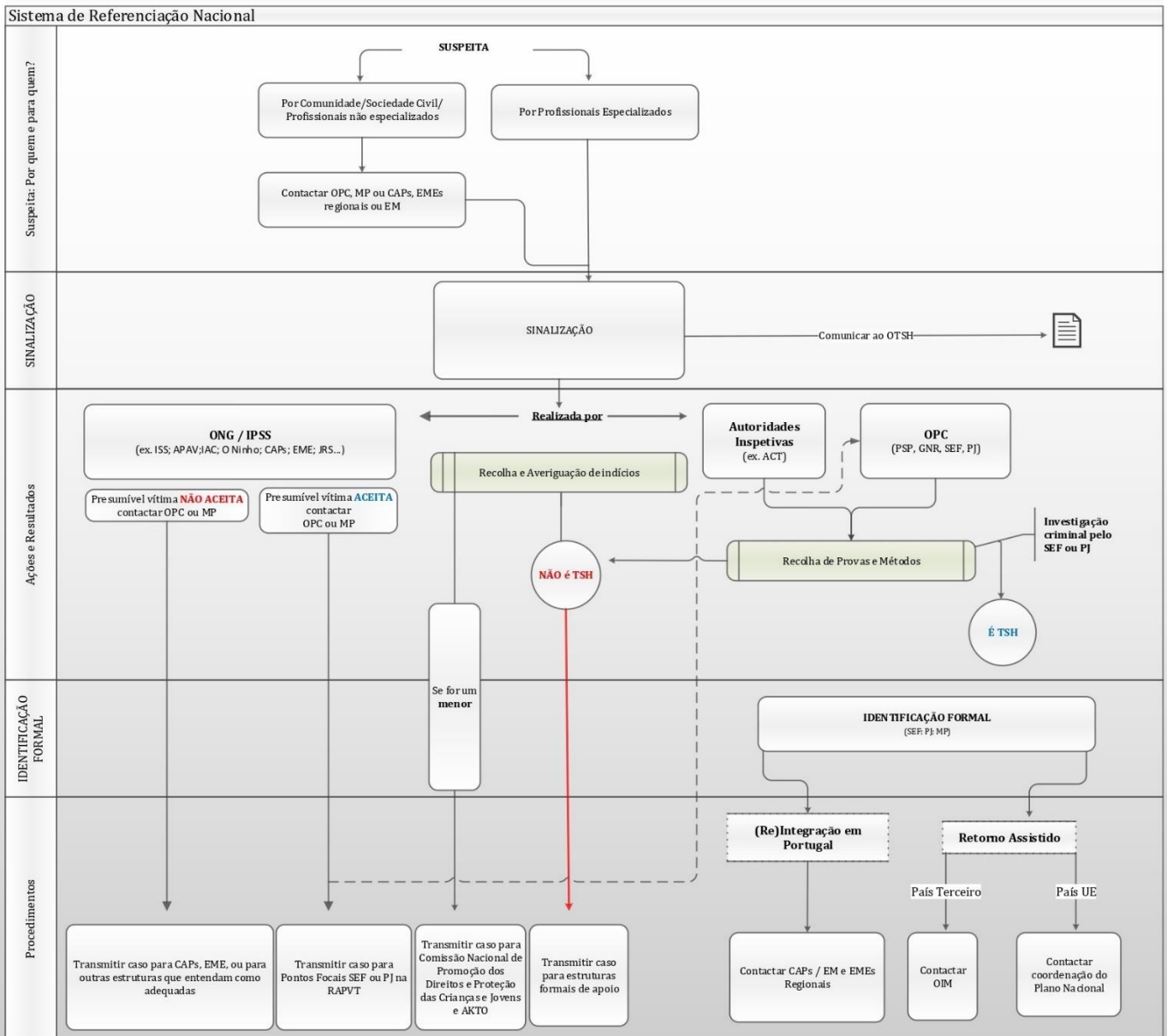
Também este mês, o SEF detetou uma outra situação similar no aeroporto de Lisboa. Uma mulher de nacionalidade estrangeira fazia-se acompanhar por uma criança, de 11 anos, alegando ser sua mãe.

Depois de realizado o teste de ADN, ficou comprovada a inexistência de laços de parentesco. A criança foi, tal como os outros dois menores, encaminhada para uma casa de acolhimento segura.

7

Notícia disponível em: https://www.jm-madeira.pt/nacional/ver/79749/SEF_identifica_tres_crianças_vitimas_de_tráfico_humano_no_aeroporto_de_Lisboa

Anexo 2: Fluxograma do Sistema de Referência Nacional



LISTA DE CONTACTOS:

- Linha Nacional de Emergência Social - 144
- Linha de Apoio ao Migrante – 808 257 257 | 218 106 191
- Equipas Multidisciplinares Nacional: 964 608 288 | 964 6082 88
- Equipas Multidisciplinares Especializadas para Assistência a Vítimas de Tráfico (EME):
 - TSH Norte: 918 654 101 | apf.sostshnorte@gmail.com
 - TSH Centro: 918 654 104 | apf.sostshcentro@gmail.com
 - TSH Lisboa: 913 858 556 | apf.sostshlisboa@gmail.com
 - TSH Alentejo: 918 654 106 | apf.sostshalentejo@gmail.com
 - TSH Algarve: 918 882 942 | apf.sostshalgarve@gmail.com
- CAP | Centro de Acolhimento e Proteção para Mulheres vítimas de Tráfico de Seres Humanos e seus filhos menores (APF): 964 608 288 | cap.apf@gmail.com
- CAP | Centro de Acolhimento e Proteção para Homens vítimas de Tráfico de Seres Humanos (Saúde em Português): 961 674 745 | cap@saudeportugues.org
- CAP | Centro de Acolhimento e Proteção para Homens vítimas de Tráfico de Seres Humanos (APF): 915 678 714 | cap.apfaletejo@gmail.com
- CAP | Centro de Acolhimento e Proteção para Mulheres vítimas de Tráfico de Seres Humanos e seus filhos menores (APAV): 961 039 169 | capsul@apav.pt
- CAP | Centro de Acolhimento para Crianças (AKTO): 925 854 000 | cap@akto.org
- Unidade Anti Tráfico de Pessoas (SEF): 964 244 281 | dcinv.unidadeantitrafico@sef.pt
- Linha Europeia para Crianças desaparecidas: 116000
- Linha de Apoio à Criança: 116111
- Comissão Nacional de Promoção dos Direitos e Proteção das Crianças e Jovens: cnpdpj.presidencia@cnpdpj.pt

Anexo 3: Histórias fictícias de vítimas de TSH

Personagem 1

Nome: Dulcinea Karparova

País de Origem: Roménia

Apresentação:

Viajei de Bucareste, na Roménia para Portugal, em 2018, a convite de uma pessoa conhecida que me ofereceu trabalho, casa, e um salário acima da média.

Como não tinha dinheiro para pagar a viagem, esse meu conhecido disponibilizou-se para a pagar, acordando que depois eu lhe devolveria esse dinheiro.

Quando cheguei a Portugal e iniciei o meu novo emprego, nada era como me tinha sido dito. Fui obrigada a trabalhar até 12 horas por dia, com direito a apenas uma refeição. Retiram-me todos os meus documentos e o meu telemóvel. A pessoa que me tinha oferecido o emprego e pago a viagem, cobrou-me a dívida da viagem e todos os meses me dizia que eu tinha mais dívidas para pagar, da renda do pequeno quarto que partilhava com mais 4 pessoas, da eletricidade, da alimentação, etc... vi-me numa situação à qual não conseguia fugir porque tinha uma dívida para pagar.

Personagem 2

Nome: Amal Shulam

País de Origem: Síria

Apresentação:

Em 2017 viajei de Damasco, na Síria para a Europa, depois de ter perdido grande parte da família num bombardeamento que destruiu todo o meu bairro. Paguei cerca de 4000 euros a um senhor que tratava de arranjar transporte seguro. Passei 3 dias na traseira de um camião com mais 10 pessoas até chegar à Turquia, lá trocámos de transporte para um camião maior onde estavam mais cerca de 20, ao todo seríamos 30 pessoas. Passaram-se mais 10 dias nesse camião, a comida começou a escassear e não podíamos ir à casa de banho. Ao fim de 10 dias o camião parou, algures em França e aí ficámos entregues à nossa sorte.

Personagem 3

Nome: Ashanti Mgomba

País de Origem: Gana

Apresentação:

Sou Ashanti, o meu nome significa Mulher Africana Forte, tenho 16 anos e viajei para a Europa em janeiro de 2018, nunca tinha sentido tanto frio como quando saí do avião. Venho de uma família muito numerosa, somos 8 irmãs e 6 irmãos. A minha mãe tinha muita dificuldade em alimentar-nos a todos/as. Houve um senhor que me ofereceu trabalho na europa, a trabalhar a servir às mesas, quando cheguei ao local de trabalho vi muitas meninas como eu a viver em condições muito más, eram muitas e o espaço muito pequeno. A senhora que me acompanhou ficou com os meus documentos, disse-me que era para tratar do contrato, nunca mais os voltei a ver. Afinal, só íamos “trabalhar” à noite, e o que tínhamos de fazer era repugnante, tínhamos de agradar aos homens que iam ao bar.... Eu tinha muita vergonha, mas não podia fugir porque o homem que me levou para lá disse que matava a minha mãe e as minhas irmãs....

Personagem 4

Nome: Ivana Barbutova

País de Origem: Bulgária

Apresentação:

O meu nome é Ivana e sou clarinetista, fiz escola e conservatório de música, costumava tocar nas ruas de Sófia para juntar dinheiro para pagar as contas, sou órfã de pai e mãe, um dia convidaram-me para tocar numa banda num país estrangeiro, em Espanha, disseram que me pagavam bem e que me davam boas condições, casa, contrato, tudo!

Deixei a Bulgária nessa mesma semana num voo que foi pago pelo homem que me arranjou o emprego, à chegada a Espanha mostraram-me a casa onde eu ia ficar, entretanto disseram que eu tinha de trabalhar a limpar várias casas enquanto os ensaios da banda não começavam, ao final do mês perguntei quando me iam pagar disseram-me que nesse não receber visto que devia o valor da viagem e da renda, no mês seguinte continuou assim, entretanto os meus documentos nunca mais os voltei a ver, e eles ameaçam-me a dizer que me mandam prender por não pagar o que lhes devo, por isso nunca fui à policia.

Personagem 5

Nome: Jesualdo Ferreira

País de origem: Brasil

Apresentação:

Quando estava no Brasil, não conseguia encontrar um emprego que me permitisse ter algum conforto na vida. Assim, decidi que queria emigrar e escolhi Portugal por ser um país onde se fala a minha língua e por já ter cá alguns amigos. Tratei dos documentos necessários, mas encontrei muitos obstáculos neste processo burocrático, pelo que um amigo me aconselhou arranjar os documentos de outra forma. Disse-me que conhecia alguém em Portugal que me podia ajudar, pois costumava ajudar outros brasileiros. Contactei essa pessoa e ela arranjou-me os documentos, tendo eu pago 5 000€ por esse serviço. Preparei as minhas coisas e vim para Portugal, onde consegui um emprego a cortar madeira dos pinhais. No entanto, não tenho contrato de trabalho nem documentos portugueses, o que me cria alguns obstáculos.

Anexo 4: Mensagens para *workshop* sobre TSH

Atualmente, estima-se que existam cerca de 27 milhões de escravos no mundo.

A mendicância forçada é uma das formas de Tráfico de Seres Humanos.

Há vidas à venda!

Cerca de 1 milhão de pessoas são traficadas todos os anos.

No dia 18 de outubro, assinala-se a luta contra o Tráfico de Seres Humanos.

O Tráfico de Seres Humanos foi identificado como sendo a maior violação dos Direitos Humanos na história da Humanidade.

O custo médio de um escravo ronda os 90 dólares.

Existem cerca de 246 crianças vítimas de Trabalho Infantil em todo o mundo.

Anexo 5: Avaliação da satisfação do *workshop* sobre TSH



Avaliação da Ação de sensibilização
TRÁFICO DE SERES HUMANOS

Idade: _____ Sexo: _____ Curso: _____

Motivo pelo qual me inscrevi na sessão: _____

	Discordo totalmente	Discordo	Não concordo nem discordo	Concordo	Concordo totalmente
Esta sessão abordou temas que considero interessantes/importantes.					
Considero que os temas foram abordados de forma adequada.					
As dinâmicas realizadas foram apropriadas.					
As dinamizadoras passaram a informação de forma clara e objetiva.					
De forma geral, avalio esta sessão positivamente.					

Pontos fortes da sessão:

Pontos fracos da sessão:

Sugestões/Comentários:

A sua opinião é importante!
Obrigada!

Anexo 6: Certificado de participação na conferência *Preconceito contra a diversidade sexual e de género no Brasil: Pesquisas sobre vítimas e agressores*



Certificado

Certifica-se que Maria Rita Cavalo Marques participou na Conferência **PRECONCEITO CONTRA A DIVERSIDADE SEXUAL E DE GÉNERO NO BRASIL: Pesquisas sobre vítimas e agressores** organizada pelo Gabinete de Apoio ao Estudante (GAE), no âmbito do Projeto CoresUniVers@s (Aconselhamento e apoio psicológico nas questões de diversidade e orientação sexual, identidade e expressão de género; Formação sobre temáticas LGBTQI+) e pelo Observatório da Cidadania e Intervenção Social (OCIS) da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, que ocorreu no dia 15 de julho de 2019, na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.

Coimbra, 15 de julho de 2019

P'la Organização



Maria do Rosario Pinheiro
Professora Auxiliar da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação – UC
Docente Responsável pelo Gabinete de Apoio ao Estudante GAE/FPCE